

A BRINCADEIRA É A NOSSA REVOLUÇÃO

o impacto das manifestações
sociopolíticas do Bloco da Laje
na sua imagem

Dora Almeida Leonetti



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Relações Públicas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

DORA ALMEIDA LEONETTI

A BRINCADEIRA É A NOSSA REVOLUÇÃO:

O impacto das manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje na sua imagem

PORTO ALEGRE

2023

DORA ALMEIDA LEONETTI

A BRINCADEIRA É A NOSSA REVOLUÇÃO:

O impacto das manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje na sua imagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Avancini Alves

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Leonetti, Dora Almeida

A BRINCADEIRA É A NOSSA REVOLUÇÃO: O impacto das manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje na sua imagem / Dora Almeida Leonetti. -- 2023.

103 f.

Orientadora: Denise Avancini Alves.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Relações
Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Bloco da Laje. 2. Carnaval. 3. Identidade. I.
Avancini Alves, Denise, orient. II. Título.

DORA ALMEIDA LEONETTI

A BRINCADEIRA É A NOSSA REVOLUÇÃO:

O impacto das manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje na sua imagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Denise Avancini Alves - UFRGS

Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina Cypriano Pereira - UFRGS

Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Mônica Bertholdo Pieniz

Examinadora

Ao Bloco da Laje e todos lajudos por aí, que me ensinaram que a brincadeira é uma coisa muito séria - é a nossa grande revolução.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Marta e Fernando, porque eu não poderia ter sonhado com uma família que me apoie e incentive mais do que vocês dois. Muito obrigada por tudo que vocês fizeram por mim e pela minha educação. Tudo que sou hoje é um reflexo do amor que vocês me deram.

Ao Henrique, que entre encontros e desencontros da vida, esteve ao meu lado me dando força, carinho e me cuidando durante esse período cheio de domingos de manhã de ensaios e felicidade, mas também de ansiedades e emoções do fim da graduação e elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos (e prima), Ana, Bruno, Isabela e Raquel, que me acompanharam em toda trajetória escolar e acadêmica e me inspiraram em todo caminho trilhado. Obrigada por me permitirem estar junto de vocês celebrando suas conquistas, mas ainda mais por seguirem por perto depois de tantos anos de amizade.

Ao Cepik e Jango, obrigada por tudo. Pelos tantos anos e entre tantas mudanças, loucuras e momentos. Vocês dois têm um lugar especial no meu coração, por cada abraço, evento e aventura que vivemos. À Catha, que nesses últimos anos se tornou tão presente, eu sou grata demais por nossa amizade e teu apoio. Não teria conseguido sem o companheirismo e amizade de vocês.

Também agradeço aos presentes que a Fabico me deu: Rodrigo e Eduarda, em especial, além de todos da linhagem, amigos que são uma verdadeira família. Muito obrigada por todo apoio moral incondicional (e pelos muitos materiais de estudo). Às minhas amigas e colegas, Bianca, Manoella e Rafaela, obrigada por cada trabalho, aula, conversa e riso, a caminhada da graduação teria sido impossível sem “Estas Mulheres”. E a tantos outros amigos, impossível de listar todos dentro e fora da Fabico, mas que aproveitaram os últimos anos junto a mim, nos carnavais por aí, nos rolês, nas viagens, nos momentos no planetário ou de estudo: obrigada.

A todos meus professores, os meus mais profundos agradecimentos. Em especial à Denise, minha orientadora, obrigada por ser um exemplo de profissional e por tua confiança, carinho, apoio e parceria sem igual, mesmo nas horas que parecia impossível; ao Nico, meu primeiro professor da UFRGS, por me mostrar que a universidade é um mundo de

oportunidades, inspirações e criatividade; e a Ana Karin, Ana Cypriano, Mônica, Rudimar e Laura, pelas orientações e aulas de vocês, que fizeram eu me apaixonar um pouco mais por Relações Públicas e pesquisa a cada semana da graduação.

Por último, um agradecimento à própria instituição UFRGS e a todos que lutam, diariamente, para que ela continue formando milhares de brasileiros, oferecendo educação pública e de qualidade. Aos servidores, professores e funcionários que compõem a universidade, obrigada por seguirem lutando, muitas vezes contra governos e forças maiores e, assim, permitirem a minha (e de tantos outros) graduação.

*“Pois, afinal, só o amor destrói!
Destrói o preconceito, a violência!
O pensamento careta desta gente nefasta.
Vivam o amor!”*

(Pregação, Bloco da Laje)

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se compreender a imagem do Bloco da Laje, um bloco carnavalesco de Porto Alegre, para os seus foliões, a partir de uma pesquisa exploratória, utilizando metodologias de observação participante, entrevistas e análise de conteúdo. O Bloco da Laje é um dos principais do movimento do carnaval de rua independente da cidade e é marcado pela teatralidade performática e interação entre a bateria e os foliões. Como aporte teórico principal, para tratar de identidade, imagem e cultura, foram utilizados os autores Hall (2014, 2015), Baldissera (2004, 2007, 2008) e Thompson (2011); e, para carnaval, Belart (2021), DaMatta (1986, 1997) e Riskalla (2016). Levando em conta a história do Bloco e a expansão no número de foliões ao longo dos anos, houve uma preocupação em mapear a imagem e se esses processos de formação de imagem são impactados pelas manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje. Foi importante averiguar se o nível de envolvimento dos foliões para com o Bloco altera essa percepção - como as participações há diferentes tempos, seja nos ensaios ou saídas oficiais, impactam a forma como o Bloco é apropriado pelos foliões. Os resultados e conclusão desta pesquisa estão em concordância com os pressupostos apresentados na introdução, em especial, de que existe uma curva de apreensão sobre o Bloco; no início, marcada pelo encantamento e diversão que, com o passar do tempo, se desenvolve carinho, identificação e criticidade.

Palavras-chave: Bloco da Laje, Carnaval, Imagem, Identidade, Manifestação Política.

ABSTRACT

This research aims to comprehend the image of the carnival group based in Porto Alegre, Bloco da Laje, to its revelers, with exploratory research using the participative observation, interview, and content analysis methodologies. Bloco da Laje is one of the leading examples of the public and independent carnival in Porto Alegre, marked by its performative theatricality and interaction between the band and revelers. The main theories used for identity, image, and culture are by Hall (2014, 2015), Baldissera (2004, 2007, 2008), and Thompson (2011); and for carnival, Belart (2021), and Riskalla (2016). Considering Bloco da Laje's history and expansion over the years, this research was concerned with mapping its image and understanding if the perception process is affected by the demonstrations of sociopolitical manifestations. It was important to investigate if the level of involvement of the revelers with the Bloco altered their perception of it and how much their time attending rehearsals and parades impacted the way the revelers appropriated the Bloco. The research results and the conclusion were in accordance with the assumptions established in the introduction, especially, that there's a apprehension curve about the Bloco; in the beginning, marked by enchantment and fun that, with time, develops into cherish, identification and criticalness.

Keywords: Bloco da Laje, Carnaval, Image, Identity, Political Manifestation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Circuito da Cultura.....	26
Figura 2 - Ensaio do Bloco da Laje no Recanto Africano, em 2022.....	34
Figura 3 - Brincantes caracterizados na 10ª saída do Bloco da Laje.....	42
Figura 4 - Mãe e filha portando bandeiras do Lula em ensaio aberto em outubro de 2022....	55
Figura 5 - Foliões sincronizados dançando a Pregação em ensaio aberto na Redenção.....	56
Figura 6 - Nuvem de palavras com termos do quadro 5.....	64
Figura 7 - Performance de Pregação na saída de 2023.....	71
Figura 8 - Performance de O Que Tu Tem Cidadão no Carninverno.....	72
Figura 9 - Brincantes interagindo com vizinhança, saída do Bloco da Laje no IAPI, 2018....	74
Figura 10 - Manifestação dos brincantes do Bloco da Laje no Carninverno.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos Entrevistados.....	53
Quadro 2 - Apresentação do Bloco da Laje.....	58
Quadro 3 - Relação entre saídas e locais.....	59
Quadro 4 - Saídas que os entrevistados participaram.....	60
Quadro 5 - Características percebidas do Bloco da Laje pelos entrevistados.....	62
Quadro 6 - Manifestações do Bloco da Laje.....	67

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	IDENTIDADE, IMAGEM E CULTURA APLICADAS AO CARNAVAL.....	20
2.1	Conceito de Identidade e Imagem.....	20
2.2	Cultura como constituinte de Identidade e Imaginário.....	23
3	APROPRIAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO SOCIOPOLÍTICA.....	28
3.1	A arte comunica?.....	29
3.1.1	<i>A função da arte.....</i>	<i>30</i>
3.2	Manifestações na arte.....	31
3.3	Protestos carnavalescos.....	35
4	LÁ VEM GENTE: O CARNAVAL DE RUA COMO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA.....	38
4.1	Cordão da Idade Média: a história do carnaval de rua.....	39
4.1.1	<i>Terremoto Clandestino: Blocos Absorvidos versus Blocos Piratas.....</i>	<i>41</i>
4.2	Deixa Brincar: o papel do brincante.....	43
4.3	Recanto Africano: carnaval de rua de Porto Alegre.....	45
5	QUEM É O BLOCO DA LAJE?.....	49
5.1	Procedimentos Metodológicos.....	49
5.2	Principais achados de pesquisa.....	52
5.2.1	<i>Perfil dos Foliões.....</i>	<i>52</i>
5.2.2	<i>Comportamento (político) dos foliões.....</i>	<i>54</i>
5.2.3	<i>Primeiro contato com o Bloco.....</i>	<i>57</i>
5.2.4	<i>Percepção do Bloco.....</i>	<i>62</i>
5.2.5	<i>Como o Bloco se manifesta.....</i>	<i>66</i>
5.2.5.1	Performances e músicas.....	69
5.2.5.2	A ocupação da cidade, o acolhimento e a organização.....	72
5.2.5.3	Os posicionamentos e os gritos de guerra.....	75
5.2.6	<i>Reflexões sobre o Bloco.....</i>	<i>77</i>

6	INIMIGOS DO FIM: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
	REFERÊNCIAS.....	86
	APÊNDICE A - Letra de Cordão da Idade Média.....	91
	APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista.....	92
	APÊNDICE C - Letra de Pregadão.....	96
	APÊNDICE D - Letra de Cidadão Contemporâneo.....	98
	APÊNDICE E - Letra de Recanto Africano.....	100
	ANEXO A - Publicações no Twitter e Instagram de divulgação da pesquisa..	101
	ANEXO B - Termo de Consentimento de Entrevista.....	102
	ANEXO C - Publicação do Bloco da Laje no Instagram sobre caso de assédio.....	103

1 INTRODUÇÃO

O carnaval é um símbolo da cultura brasileira tanto nacional quanto internacionalmente, sendo caracterizado como um megaevento com grande potencial turístico, econômico e cultural, portanto, uma válvula de escape performativa (DAUN E LORENA, 2019) do verão brasileiro. Apesar de, tradicionalmente, ser mais forte nos estados da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, sua manifestação se espalha por todo território nacional, inclusive, por Porto Alegre, uma cidade que divide as celebrações carnavalescas entre os desfiles tradicionais das escolas de samba no Porto Seco¹ e o carnaval de rua, que, por sua vez, se subdivide em carnaval oficial e o carnaval independente. O Bloco da Laje, objeto de análise central deste trabalho, é um dos diversos blocos do carnaval independente da cidade que desfilam nas ruas da capital gaúcha entre os meses de janeiro e março.

A presença do Bloco da Laje, no entanto, não se limita ao desfile durante as celebrações de carnaval. Mais do que isso, a experiência do Bloco é uma experiência que se espalha durante o ano inteiro, envolvendo os ensaios abertos, comumente realizados no Parque Farroupilha², e shows privados. Todos os eventos são repletos de teatralidade, coreografias e uma paleta de cores marcante - amarela, azul e vermelha -, representada nas roupas e maquiagens dos brincantes³. Como toda forma de arte, a música, a dança e a performance do Bloco trazem em si mensagens que representam o seu posicionamento político e social.

Tal qual o nome indica, o Bloco da Laje iniciou-se em uma laje, no ano de 2011, num churrasco entre amigos que se preparavam para ir para o Bloco Maria do Bairro, na Cidade Baixa⁴ (RISKALLA, 2016). Sem pré-definições ou objetivo de se criar um coletivo, o Bloco nasceu no formato mítico clássico dos blocos de rua, espontâneo e tumultuoso, como descrito pelo estudioso Alberto Lamago (1964), ao falar sobre o início do carnaval popular no Rio de Janeiro. O autor fala de como a natureza carioca foi incubada, mesmo sob domínio e repressão dos governos, polícia, instituições religiosas, legislações e protocolos rígidos,

¹ O Complexo Cultural do Porto Seco é o centro de eventos da cidade de Porto Alegre, localizado no bairro Rubem Berta, onde ocorrem os desfiles do Carnaval de Porto Alegre.

² Também conhecido como Parque da Redenção, é o parque mais tradicional da cidade de Porto Alegre, localizado na região central da cidade.

³ Para o Bloco da Laje, os brincantes são seus membros que dançam e brincam entre os foliões. Na cultura brasileira, brincante é qualquer pessoa que participa do folguedo folclórico ou de qualquer folia, como o carnaval, se tornando sinônimo de folião. Por isso, nas saídas de blocos de rua, o público, de forma geral, se apelida de brincante, pois é quando integram os membros dos blocos em coreografias, cantos e interações.

⁴ Bairro boêmio localizado na região central de Porto Alegre.

ressurgindo com o entusiasmo típico em alegoria espontânea, barulhenta e festiva, ocupando as ruas e espantando as elites, enquanto brincam na rua e no tumulto em festa (LAMEGO, 1964, p. 329). É um coletivo que nasce da “alegria, mas também da indignação e, conscientemente, do desejo de ocupar o espaço público que nos é de direito”, aponta Julia Rodrigues, brincante do Bloco da Laje que integra a organização do coletivo (FERREIRA, 2023).

O Bloco da Laje tem fortes características performáticas e de manifestação contra a massificação da cultura de carnaval de rua e governos conservadores de extrema-direita cujas políticas são contrárias às minorias, assim como um claro posicionamento oposto às violências e intolerâncias sociopolíticas. Através da brincadeira que ocupa a rua, que critica e denuncia questões políticas e opressões da sociedade, o Bloco se manifesta e convida os lajudos (apelido dado aos foliões do Bloco da Laje) a se manifestarem junto (RISKALLA, 2016). O autor ainda afirma que o carnaval de rua, para o Bloco e seus fundadores, é um espaço de contestação e manifestação através da música, teatro e participação pública, social e democrática. Uma das formas mais diretas é em suas composições, como pode ser visto na letra da música “Cordão da Idade Média” (apêndice A), que, em ritmo carnavalesco, questiona normas sociais, leis e religião. A música fala sobre a repressão que existe à liberdade sexual, direitos reprodutivos e descriminalização das drogas pelas bancadas conservadoras do governo, em especial, as que são ligadas a religiões. Ela também aborda a incoerência e hipocrisia de alguns discursos políticos em paródia ao *jingle*⁵ do candidato à presidência José Maria Eymael (DC) nas eleições de 2018.

Entre a primeira saída do Bloco da Laje, em 2012, e a do carnaval de 2023, houve uma considerável expansão, tanto nos foliões presentes, de 2 mil pessoas, na primeira edição (RISKALLA, 2016); 20 mil pessoas em 2020 (MELLO, 2020); e, em 2023, 30 mil pessoas (FERREIRA, 2023), quanto na própria festa da cidade. Em 2013, foram 80 mil foliões em 9 blocos de rua; em 2015, 21 blocos e 300 mil foliões (RISKALLA, 2016); em 2020, 445 mil pessoas participaram dos 8 dias do calendário oficial de Porto Alegre (GAÚCHA ZH, 2020). Seguindo o modelo carioca, que Belart (2021) destaca em sua obra “Cidade Pirata”, com o crescimento do carnaval de rua em Porto Alegre, houve uma mobilização por parte do poder público para gerir a festa, especialmente através da organização do calendário oficial de blocos de rua, com localizações e patrocínios pré-definidos pela cidade. Apesar do

⁵ *Jingle* é uma música composta utilizada para promover uma marca, produto ou uma pessoa, como candidato em campanha eleitoral.

crescimento e expansão do Bloco da Laje, ele se negou a integrar esse calendário oficial como um dos blocos absorvidos (como são chamados os blocos que participam do carnaval organizado pelas prefeituras da cidade).

O Bloco da Laje se torna a principal referência no modelo de carnaval independente de Porto Alegre, mantendo a ideia de um “Carnaval Popular” em primeiro plano, com seu financiamento vindo majoritariamente de *crowdfundings*⁶, mas também pela venda de produtos próprios e shows, não se permitindo ser parte do marketing de carnaval ou uma forma de só as elites brincarem o feriado. Assim, assegurando, em suas saídas e ensaios, uma posição de uma manifestação popular, cultural e de caráter contestatário (RISKALLA, 2016).

Com uma imagem desejada representada por valores como a teatralidade, musicalidade e visualidade (RISKALLA, 2016), mas que se altera na interação do Bloco com os foliões, “a identidade de bloco, de grupo, é o conjunto de momentos que seguem sempre sendo construídos coletivamente” (RISKALLA, 2016, p.17). A brincadeira e a ocupação do espaço público, para o Bloco, são sua forma de revolução, e a participação do público é essencial para o seu êxito. A interatividade é fundamental para a construção da identidade Bloco da Laje, uma vez que essa interação Bloco-públicos-espços é a responsável pelas transformações no Bloco a cada saída oficial. Essas mudanças provocadas pelo contexto e atores da sociedade sobre o Bloco exemplificam a definição de imagem-conceito como um construto simbólico, complexo e sintetizante, de caráter judicativo, caracterizante e provisório, que explica a formação da identidade do objeto estudado, no caso, do Bloco da Laje (BALDISSERA, 2004).

Essa imagem que se transforma pela interação com os lajudos e com o contexto que o Bloco está inserido ficou ainda mais explícita com o retorno dos ensaios e shows do Bloco da Laje após os dois anos sem atividades devido à pandemia de Covid-19 e ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. O carnaval de 2023 foi a 10ª saída oficial do Bloco da Laje, no dia 29 de janeiro do mesmo ano, que, com o tema Carnaval da Revanche, se posicionou através de um manifesto na plataforma Apoia.se⁷ como sobrevivente de um “governo genocida, tempos de peste e tristeza” (BLOCO DA LAJE, c2022) e visa “Sensibilizar o universo que nos cerca e reaproximar os corações para seguir no movimento e ritmo

⁶ É o termo utilizado para designar financiamentos coletivos, uma forma de captação de recursos que consiste na obtenção de capital através de investimentos de pessoas físicas ou jurídicas interessadas na causa.

⁷ Plataforma de financiamento coletivo utilizada pelo Bloco da Laje para arrecadação de 2023. Disponível em: <https://apoia.se/blocodalaje2023>. Acesso em: 11 fev. 2023.

transformador da democracia” (BLOCO DA LAJE, c2022). A própria temática deste carnaval indicou uma preocupação e uma manifestação mais forte que em outros anos de Bloco, e isso acaba por refletir na forma de brincar dos foliões. O contexto político que se vive e o tema do carnaval de 2023 dão ao Bloco da Laje um caráter mais contestatório do que nunca.

No ano de 2018, comecei a realmente acompanhar o Bloco da Laje, quando fui levada na minha primeira saída oficial. Lembro que, mesmo nos primeiros momentos, já percebi a união e organização do Bloco: as cores combinadas, coreografias, sentimento de pertencimento que pairava na multidão e a brincadeira de carnaval como algo coletivo. Como recém-chegada ao Bloco da Laje, não me dei conta de seu forte caráter contestatório ou das suas manifestações mais explícitas. Somente ao acompanhar o Bloco por um período, passei a ter a imagem que tenho hoje, de um coletivo politicamente engajado que toda e qualquer performance tem uma mensagem. A partir da minha vivência pessoal, comecei a questionar se outras pessoas não tiveram situações semelhantes. Como que os outros foliões, com vivências distintas da minha e formas de participação para com o carnaval de rua diferentes, percebem o Bloco da Laje, sua imagem e sua interação com o carnaval de rua gaúcho? Será que todas passam por esse período de encantamento com as cores e músicas do Bloco antes de mergulharem e perceber as manifestações sociopolíticas dele? A justificativa pessoal para a elaboração desta pesquisa tem como fundamento essa experiência particular que pode ser respondida através da pesquisa acadêmica. Mais do que isso, será que, em 2018, quando comecei a acompanhar o Bloco, ele realmente estava tão explicitamente posicionado e eu que não percebia? Ou esse posicionamento foi ficando mais evidente depois dos 4 anos de um governo, considerado por muitos como fascista e negacionista, somado ao enfrentamento de uma pandemia?

Na questão social, a realização deste trabalho buscou oferecer um olhar científico sobre as percepções do público sobre o carnaval de Porto Alegre. O carnaval de rua da capital gaúcha ainda está passando por um processo de amadurecimento e entraves políticos e econômicos que outras cidades, como Rio de Janeiro, já vivenciaram. O carnaval de rua independente e popular *versus* o carnaval de rua oficial e patrocinado já é um fenômeno comum nas terras cariocas (BELART, 2021), mas em Porto Alegre ainda causa estranhamento. Entender como um dos blocos mais populares do modelo independente da cidade é percebido pelos públicos permitirá que as estratégias relacionadas ao carnaval de Porto Alegre sejam repensadas, com a reflexão de ampliar o potencial turístico, econômico,

cultural e social do carnaval da cidade. Com essas informações, surge a possibilidade de criar um planejamento do calendário de saídas mais adequado, reestruturar as comunicações dos blocos, refinar as estratégias do marketing de carnaval na cidade ou, até mesmo, reorganizar o espaço público para realização de eventos de rua.

Na pesquisa por referências para elaboração do Estado da Arte, foram encontrados poucos trabalhos que tratavam, diretamente, do Bloco da Laje. O próprio carnaval de rua de Porto Alegre se mostrou um tema pouco acessível - haviam poucos trabalhos que os blocos fossem o tema central, especialmente no âmbito da comunicação. A maioria dos materiais publicados sobre carnaval de rua em nível nacional falam da cobertura da mídia ou análises de samba-enredo e/ou performances. Sobre o Rio de Janeiro foi possível encontrar materiais que falam do potencial do carnaval de rua nas esferas econômica e turística, além da replicação do modelo do carnaval de rua carioca para outras cidades no país. Porto Alegre é uma dessas cidades (RISKALLA, 2016), e entender esse movimento dá acesso a informações sobre a população de Porto Alegre, sua participação em carnaval de rua e em eventos, sua percepção acerca de ações culturais como manifestações políticas e sua forma de perceber imagem e identidade de grupos e coletivos, além de compreender melhor uma entidade (Bloco da Laje) em expansão na cidade. Para a área de Relações Públicas, a pesquisa permite realizar reflexões voltadas a temas como eventos, produção cultural, imaginário de públicos, percepção de identidade e imagem-conceito e arte como forma de comunicação com um embasamento já no pensamento dos habitantes da cidade. Enriquecer os bancos de dados com informações novas e atualizadas sobre esses tópicos, com um recorte temporal e geográfico específico, será de grande valor para futuros estudos e pesquisas.

Com as justificativas delineadas, pelas minhas vivências como foliã do Bloco e graduanda de Relações Públicas, se tornou possível identificar o questionamento central da pesquisa. As letras do Bloco da Laje, suas manifestações, apresentações e performances enfatizam seu posicionamento, mas ele nem sempre é percebido em um primeiro momento. O pressuposto levantado foi de que mais familiaridade com o Bloco da Laje, mais tempo frequentando os ensaios e as saídas, afetam a forma como o folião o percebe - mais político e mais oposto ao *status quo*. Sabendo que a identidade do Bloco da Laje depende do contexto que ele se insere e sua imagem irá mudar conforme o público que o acompanha, chegou-se à pergunta que orientará a pesquisa: Como os foliões do Bloco da Laje percebem a imagem do Bloco ao longo de sua história e expansão?

Para responder o problema de pesquisa, foi estabelecido, como objetivo geral, compreender como as manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje impactam sua imagem para os foliões. Os objetivos específicos são a) mapear a imagem do Bloco da Laje para os foliões; b) identificar como os foliões percebem as manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje; c) analisar se os foliões que acompanham o Bloco da Laje há diferentes períodos têm imagens distintas do Bloco; e d) averiguar se existe uma correlação entre a percepção dos foliões sobre o Bloco da Laje e suas manifestações sociopolíticas e o período de envolvimento deles com o Bloco.

Com a introdução à história do Bloco da Laje feita, assim como definição das justificativas, problema de pesquisa e objetivos, neste capítulo inicial, percebe-se a necessidade de uma exposição teórica de alguns conceitos antes de partir para o campo e análise dos achados de pesquisa. A estrutura do trabalho é desenhada, então, da seguinte maneira: um capítulo introdutório; três capítulos teóricos; um de apresentação dos procedimentos metodológicos e análise dos dados obtidos em campo; e as considerações finais.

No capítulo 2, se introduz os conceitos de identidade, imagem e cultura a partir das perspectivas teóricas de Hall (2014, 2015), Baldissera (2004, 2007, 2008) e Thompson (2011). As ideias desses autores são complementadas por outros estudiosos, mas, de maneira geral, buscam aprofundar os processos identitários, a formulação de imagem e a cultura, em especial, a identidade cultural brasileira.

No terceiro capítulo, aprofunda-se na questão cultural e na criação e consumo de bens simbólicos, na sua capacidade de transmissão de mensagens e, especialmente, no potencial de servirem como formas de manifestação sociopolítica. Os principais autores acionados são Barroso (2004), Dewey (2010), Gaspar (2004), Josiney Silva (2021), Gelain (2021) e Gabriela Silva (2019).

O capítulo 4, cujos títulos e subtítulos fazem referências às músicas do Bloco da Laje, é dedicado a apresentar o carnaval de rua, seu histórico (a nível nacional e municipal) e componentes (blocos absorvidos, blocos piratas e brincantes). Este capítulo é fundamentado nas teorias expostas por Daun e Lorena (2019), DaMatta (1997), Belart (2021), Riskalla (2016), Caetano (2015) e Sevaio (2020).

O quinto capítulo utiliza o trabalho de Duarte (2005) e Travancas (2005), para apresentar os procedimentos metodológicos aplicados nesta pesquisa. No campo, foram utilizados os métodos qualitativos com uso de técnicas de observação participante e de entrevistas em profundidade, e o processamento dos dados pela análise de conteúdo, como apresentado por Júnior (2005). Na sequência, são expostos os principais achados da pesquisa e feitas as inferências e cruzamento de informações com a teoria acionada nos capítulos anteriores.

No último capítulo, de considerações finais, são expostos os resultados da pesquisa, com as respostas ao problema de pesquisa e objetivos e reflexões sobre os achados do trabalho. Na conclusão, são postas algumas inquietações e potenciais questionamentos para futuros ensaios relacionados ao tema.

Início, então, este trabalho com a apresentação das noções de identidade, imagem e cultura, abrindo os capítulos teóricos com um resgate à conceitos que são intrinsecamente ligados ao subjetivo do indivíduo, comunicação e contextualização dele, e aos relacionamentos estabelecidos com o que o cerca.

2 IDENTIDADE, IMAGEM E CULTURA APLICADAS AO CARNAVAL

Neste capítulo, apresento os conceitos de identidade, imagem e cultura, para aplicá-los ao megaevento que é o carnaval brasileiro. Para fundamentar a pesquisa, trago, como principais autores Hall (2014, 2015), para o conceito de identidade e identidade nacionais e culturais; Baldissera (2004, 2007, 2008), para identidade organizacional e imagem-conceito; e Thompson (2011), para as questões culturais e contextualização social. O corpo do trabalho se complexifica trazendo também conceitos complementares e aprofundamentos com trabalhos de Larraín, Colpo (2014), Balmer e Greyser (2003, apud ALMEIDA e NUNES, 2007), Woodward (2014) e Paul de Gay (1997).

É imprescindível contextualizar o processo de apreensão da identidade e da criação de imagem e imaginário para poder, nos próximos capítulos, relacioná-los ao objeto de pesquisa, o Bloco da Laje e compreender como os foliões o percebem. Os três conceitos que apresento neste capítulo têm uma característica comum, que é o caráter interativo e inter-relacional. A identidade, imagem e cultura não podem ser explicadas ou interpretadas sem ser postas em seus contextos e sem ter mais de um lado as construindo - são sempre uma construção entre as percepções do eu e do outro em relação ao todo.

2.1 Conceito de Identidade e Imagem

Partindo dos estudos de Hall (2015), existem três sujeitos que explicitam as concepções de identidade. O sujeito do Iluminismo, que representa a concepção individualista da identidade, é apresentado como um indivíduo centrado, com um núcleo que se desenvolve com o tempo, mas se mantém sempre o mesmo em essência. O sujeito sociológico, que diz que esse núcleo se forma pelas relações dos indivíduos com a sociedade e seus valores, e se alinha com sua subjetividade, onde a identidade preenche esse espaço entre o “eu” e o “externo”, costurando um ao outro. Na concepção sociológica, a identidade é interativa. E o sujeito pós-moderno, que apresenta a identidade como algo que não é algo fixo, pré-determinado, essencial ou permanente. Ela se transforma continuamente pelos contextos que nos inserimos e pelos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015). É nesta concepção de identidade do sujeito pós-moderno que esse trabalho se desenvolve.

Para entender os processos identificatórios, é necessário compreender os sistemas de representação social que existem e que atuam constantemente sobre a formação e produção de

identidade. Os sistemas de representação social estão ligados às estruturas culturais que estabelecem fronteiras, ressaltam as diferenças e destacam semelhanças (WOODWARD, 2014). Nos contextos sociais e de sistemas culturais, a representação social se dá pelo reconhecimento de identificação e distinção, e os elementos (signos) que a compõem só têm valor e sentido se analisados em relação a outros (SAUSSURE, 1978, apud SILVA, T., 2014). A fim de exemplificar essa questão da representação, podemos pensar na seguinte afirmação: o carnaval é uma festa brasileira. Ao dizer que o carnaval é brasileiro, não estamos só afirmando que é um evento que ocorre no Brasil, mas que ele não é da Argentina, Canadá ou China. O carnaval é uma festa, então ele não só é coletivo, alegre e com música, mas ele não é individual, triste ou silencioso. As estruturas que estabelecem essas distinções e atribuições de significados estão presentes nos sistemas culturais que estamos inseridos e que formam os sistemas de representação social que nós utilizamos para criar as identidades particulares e coletivas.

Como a sociedade está em eterna transformação, os sistemas que se inserem nela, os significados atribuídos e suas estruturas, representações e elementos também estão mudando. Por isso, Rutherford (1990, apud SILVA, T., 2014) define a identidade como o ponto de encontro do passado (vivências) com as relações sociais, culturais e econômicas que vivemos atualmente. Ela se liga às estruturas discursivas e narrativas, tornando-a líquida, múltipla, móvel, a nível pessoal ou coletivo (COLPO, 2014), e sua construção é um processo cultural, material e social. Os elementos particulares são postos em relação aos coletivos, se articulam e criam identidades múltiplas e, por vezes, contraditórias. Para o sujeito pós-moderno, não existe uma identidade única, coerente e fixa, mas sim identidades cambiantes, que podem colidir entre si, se expressando em relação a situação do momento, levando em conta o sistema e contexto envolvidos.

Quando pensamos não mais nas identidades particulares, mas nas identidades de uma organização, precisamos pensar nessas organizações como comunidades, cujas identidades são construídas por diversos indivíduos particulares postos em interação. Os públicos que se relacionam com elas vão levar suas vivências e experiências particulares na construção da identidade da organização em um processo identificatório feito a partir da relação de poderes, forças e interpretações. As múltiplas identidades particulares atuam na formação da identidade organizacional, processo que pressupõe um emaranhado de transações e negociações entre indivíduos distintos e tensões entre as ideias identificatórias do “eu” e do

outro (BALDISSERA, 2007). As organizações podem ser compreendidas como sujeitos que possuem tanto uma característica de individualidade como a ideia de pertencimento de um coletivo (MAFFESOLI, 1996, apud BALDISSERA, 2007). Pode ocorrer uma estruturação da comunicação organizacional estratégica de uma organização para que suas ações tentem controlar as alteridades e ressignificar as relações que constituem a identidade organizacional, a fim de estabelecer uma coerência e ordem de como a organização será percebida por seu público (BALDISSERA, 2007).

Balmer e Greyser (2003, apud ALMEIDA e NUNES, 2007, p. 264) reconhecem a existência de cinco tipos de identidade: atual, comunicada, concebida, ideal e desejada. A identidade atual é constituída pelos atributos presentes e se molda no estilo de liderança, estrutura da organização, tipo de negócios e mercado. A comunicada é a que surge através dos processos de comunicação, controlada pela organização através de suas ações de publicidade, propaganda, patrocínio e Relações Públicas. A identidade concebida é a forma como a imagem, reputação e marca corporativa são percebidas pelos grupos de relacionamento. A ideal, no entanto, se trata do posicionamento da organização, e nasce no planejamento estratégico e competências organizacionais. A desejada, por fim, é a que os líderes da organização almejam alcançar. A comunicação organizacional estratégica precisa trabalhar de forma contínua para reconhecer os diferentes tipos de identidade na organização e atuar em conjunto com a gestão para elaborar a estratégia mais adequada para que a identidade atual, comunicada e ideal resultem na identidade concebida equivalente à identidade desejada.

Para além dos conceitos de identidades, nos processos de identificação e representação existe também a noção de imagem-conceito. Baldissera (2004, 2008) explica a imagem-conceito como uma série de construtos que não se limitam ao que é visível em uma primeira impressão. É uma junção das percepções do universo simbólico e subjetivo somada às questões explícitas e visíveis, sendo um construto simbólico, complexo e sintetizante. Simbólico, pois é uma representação que se constitui a partir de conceitos, percepções, valores, julgamentos, experiências e expectativas de alguém em relação a algo. Complexo, pois uma característica chave da imagem-conceito é a da identidade relacional, porque toda relação que estabelecemos com este “algo” é impactante nela. Sintetizante pois, apesar das multiplicidades de relações estabelecidas com cada “algo”, a imagem-conceito é reduzida a alguns poucos atributos-chave que a definem (BALDISSERA, 2004, 2008).

Os construtos que compõem a imagem-conceito tem caráter judicativo, caracterizante e provisório. Judicativo porque os atributos definidos a partir deles sempre propõem algum tipo de julgamento sobre aquilo; caracterizante, pois impõe características ao “algo”; e provisório, pois a imagem-conceito, assim como a noção de identidade, não é permanente, se transformando pelas percepções dos sujeitos que a interpretam e os contextos que eles se inserem (BALDISSERA, 2004, 2008). A imagem-conceito depende de uma recepção que deve ser feita de forma ativa pelos sujeitos em seu imaginário. Ao contrário da identidade, que pode ser trabalhada de forma estratégica pela organização na identidade comunicada (de dentro para fora da organização), a imagem-conceito ocorre puramente no imaginário do receptor; no entanto, o imaginário pode ser influenciado pelas estratégias comunicacionais da organização. As tensões e interações que ocorrem pelo imaginário não podem ser pré-determinadas, se dando de forma dialógica, dialética e recursiva pelos múltiplos atravessamentos que os sujeitos e a organização se inserem, como contextos sociohistóricos, sistemas culturais, imaginários e experiências.

Essas noções de identidades e imagem são essenciais para compreender como se dão os processos de identificação e representação, além de como se transmitem e são percebidas entre diferentes indivíduos. A sociedade depende desses sinais e apreensões para se comunicar, criar grupos e transmitir mensagens, sejam elas de forma direta e objetiva, ou implícitas ao contexto. Uma das formas que essa relação e troca de mensagens e percepções se dá é através da noção de cultura e formas simbólicas, que exploro na sequência.

2.2 Cultura como constituinte de Identidade e Imaginário

Ao longo da história humana, o conceito de cultura variou muito em seu significado, começando representando a ideia do cultivo de grãos e animais; para a ideia de cultivo da mente; a utilização de “cultura” como sinônimo de civilização; a sua relação com o desenvolvimento dos campos da ciência, arte e filosofia; a crença iluminista e etnocêntrica da cultura como enobrecimento das faculdades humanas; até, eventualmente, o conceito plural de culturas, que chamava atenção para características particulares de grupos, nações e períodos históricos distintos (THOMPSON, 2011). É nessa ideia de culturas, no plural, que se desenvolvem os estudos antropológicos e da cultura, com objetivo de estudar e elucidar costumes, práticas e crenças dos grupos que compõem as sociedades (THOMPSON, 2011). É

fundamental sempre pensar a cultura (fenômenos culturais, identidade cultural, etc.) como construção coletiva. O conceito de cultura que interessa a este trabalho é o que vê a cultura como algo construído de forma coletiva, que leva em consideração aspectos históricos, mas também as interações e relações simbólicas, subjetivas e de construção e formação dos sujeitos e sociedades. Cultura é uma série de fenômenos e processos variados de produção, construção e recepção de expressões significativas por indivíduos situados em um mundo sócio histórico (THOMPSON, 2011, p. 165).

Thompson (2011), a fim de aprofundar o conceito de cultura, desenvolve sua concepção estrutural. Seu principal objetivo é que ela permita o estudo das formas simbólicas (ações, objetos e expressões dos indivíduos e sociedades) relacionado aos processos históricos e específicos dessas sociedades, espaços no qual as formas se desenvolvem, são reproduzidas, apreendidas e se transformam. As formas simbólicas possuem cinco aspectos que dizem respeito às questões de significado, significação e sentido ou às questões de estruturas sociais. Esses aspectos são: intencional, convencional, estrutural, referencial e contextual. Objetivamente, as formas simbólicas da cultura devem ser produzidas e empregadas por sujeitos conscientes que tenham intenção de expressar algo por meio delas para outro sujeito consciente, seguindo uma série de regras e códigos, estabelecidos em esquemas implícitos, que regem a comunicação e o mundo onde as formas simbólicas existem. Elas também apresentam uma estrutura de elementos que se relacionam entre si e com o que já existe no mundo, relações externas referenciais fundamentais para que produtor e receptor apreenda seu significado e projetem suas intenções e interpretações. Por último, essas formas simbólicas estão sempre inseridas nos processos e contextos sociais e históricos nos quais foram produzidas e recebidas, e compreender o aspecto contextual significa aceitar que o entendimento pleno de uma forma simbólica deve ser muito mais amplo e considerar não somente a forma em si, mas tudo que cerca ela, o produtor e o receptor.

Uma vez que as formas simbólicas da cultura carregam características únicas das condições e contextos sociais da sua produção, ela também passa por diferentes processos de valorização, avaliação e conflito. Esses são ligados ao aspecto espaço temporal, mas também aos campos de interação e aos recursos, regras e esquemas das instituições sociais (THOMPSON, 2011, p. 196). Tais processos são mais evidenciados ao analisar formas simbólicas como artes visuais e música, que exigem uma bagagem prévia de conhecimentos e por isso criam a ideia de que algumas são restritas a determinados grupos (como a música

clássica e erudita, dentre outros). A valorização dessas manifestações se dá em âmbito econômico e simbólico para seus produtores e receptores (THOMPSON, 2011, p. 203).

Os fenômenos culturais, devido às suas características de produção e existência, são um dos tipos de formas simbólicas e participam dos processos de valorização e transmissão, este último podendo ocorrer ao vivo, presencialmente, ou por meio da canais, sejam eles mídias impressas tradicionais ou transmissões midiáticas e virtuais. Os fenômenos culturais são formados por uma série de ações, expressões e manifestações, sejam elas verbais, visuais, textuais ou por artefatos e comportamentos por meio dos quais sujeitos individuais inseridos em uma sociedade e em grupos se manifestam. Eles são fundamentais quando pensamos na questão da identidade cultural.

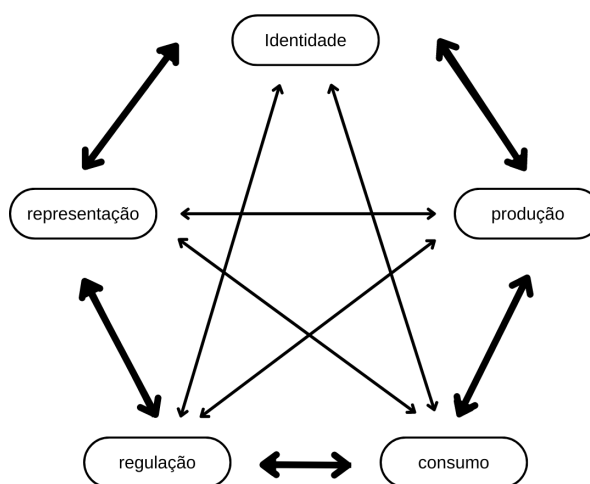
Para Hall (1990, apud WOODWARD, 2014) existem duas formas de pensar a identidade cultural, uma que tenta encontrar a “verdade” de uma cultura partilhada no passado e representá-la por meio dos fenômenos culturais; e a outra que existe um passado que influencia na identidade, mas o passado e suas significações se alteram conforme é reconhecido e reivindicado, logo, a identidade cultural é algo que “se torna”, e não que “é”. Nessa segunda perspectiva, a identidade não é limitadora aos sujeitos, mas eles podem tomá-la para si e se reapropriar dela para a formação da identidade cultural. Essa formação ocorre em níveis pessoais e coletivos, sendo influenciada pelas instituições e campos sociais, jogos de poder e posicionamento dos sujeitos (HALL, 1997, apud WOODWARD, 2014).

A cultura dá significado a algo ao, em seu processo, dar uma representação à coisa (WOODWARD, 2014). Uma das principais formas de representação na cultura é a linguagem, escrita, falada, visual, expressa ao vivo, por meio da tecnologia ou artefatos (DU GAY et al., 1997), e é por ela que se materializam os signos e símbolos. Para essas representações terem sentido e serem interpretadas, voltamos ao conceito de forma simbólica e os cinco aspectos que a compõem, validando essas representações feitas pelos fenômenos culturais como formas simbólicas que constituem as identidades.

Como as questões de construção de identidade, representação e cultura estão sempre em um eterno processo de elaboração, foi criado o Circuito da Cultura (DU GAY et al., 1997). O esquema (figura 1) representa o processo não linear de representação, identidade, produção, consumo e regulação dos fenômenos culturais. Resumidamente, o Circuito Cultural indica como se dá a existência dos fenômenos culturais e como ela implica na produção de

significado sobre ele, nos processos identificatórios que eles associam, como que eles dialogam e regulam a vida social e o consumo dele e de outros fenômenos culturais associados. O essencial do circuito diz respeito a esses processos serem sempre ligados uns aos outros e como eles exercem mútuas influências entre si. Se quisermos exemplificar esses processos, trazendo para o objeto de estudo deste trabalho, podemos pensar nas cores do Bloco da Laje, o amarelo, azul e vermelho que, nos ensaios abertos e saídas oficiais, representam o Bloco e seu público. Pelo brasão e materiais criados na história do Bloco, essas cores foram assumindo o papel de representar o Bloco nas pessoas, em suas roupas e maquiagens; o que reflete no fato de, em dias de ensaio ou saída, ver alguém vestindo essas cores passa uma ideia de que aquela pessoa pertence ao Bloco ou, pelo menos, está indo para ele. Ela está como parte daquilo, naquele momento, uma de suas identidades adotadas e expostas é a de brincante do Bloco. Por quererem se paramentar a fim de explicitar essa identificação com o grupo, elas irão alterar seu padrão de consumo - procurarão acessórios para comprar essas cores. Sabendo da existência desta procura, o varejo de Porto Alegre irá aumentar a oferta, produzindo e divulgando mais itens que se relacionem à paleta do Bloco da Laje. A regulação vai ocorrer de diversas formas nesses processos: as procuras e processos identificatórios só serão intensos no período do ano de ensaios e saída; o consumo e a representação irão se regular por, por exemplo, especificidade do tom e saturação das cores.

Figura 1 - Circuito da Cultura



Fonte: Paul Du Gay, 1997.

Para Geertz (2000, apud BARROSO, 2004), a cultura denota um esquema histórico que transmite significados representados por símbolos. É também ela que produz mecanismos de controle, como regras e instruções, que governam o comportamento, uma vez que esses

mecanismos são levados em conta na hora de nos articularmos, pois tentamos respeitá-los na expectativa de que o receptor irá apreender nossa mensagem da maneira que intencionamos (GEERTZ, 2008). É um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas pelos quais os homens se comunicam, perpetuam suas expressões e desenvolvem seu modo de viver e conhecimentos perante as vivências. É a cultura que expressa a vida e a mente humana, dando sentido à ação dos indivíduos da sociedade, ao permitir que as suas formas de expressão, que sempre tem uma intencionalidade por trás, sejam interpretadas.

A cultura, a identidade e a imagem comunicam fenômenos e processos ligados a contextos temporais, sociais, históricos e econômicos, que são influenciados por questões como poder, vivências, recursos e repertório. Especialmente para identidades coletivas, é fundamental sempre entender o aspecto relacional e contextual, não podendo jamais pensar unicamente no que se assume “ser”, mas em como se torna, e como se dão os processos de se tornar algo. Esses três conceitos têm o poder de comunicar, a sua forma, a sociedade em que se inserem. No próximo capítulo, ocorre um aprofundamento em como os fenômenos e práticas culturais, na criação e consumo de bens simbólicos, podem transmitir mensagens, significados e discursos, especialmente posicionamentos sociopolíticos.

3 APROPRIAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO SOCIOPOLÍTICA

Neste capítulo, exploro a relação da cultura e seus produtos com a comunicação. Inicialmente, trago o conceito de objeto artístico como um tipo de produto cultural, utilizando especialmente Schein (2009) e Barroso (2004). Em seguida, aprofundo o pensamento apresentando as manifestações artísticas como forma de comunicação, com base teórica de autores como Barroso (2004), Dewey (2010) e Gaspar (2004). Ao entender que é uma forma de comunicar, a arte demonstra também poder cumprir uma função de protesto, como os autores Junior (2010), Josiney Silva (2021) e Gelain (2021) apontam. Por fim, finalizo o capítulo com o primeiro mergulho definitivo no universo carnavalesco, de como tudo que engloba a celebração do carnaval traz uma mensagem agregada. Para essa imersão no carnaval, são citados autores como Gabriela Silva (2019) e Hall (2015).

A cultura e suas práticas possuem diferentes níveis de intensidade e visibilidade. Na sua superfície, encontramos os artefatos, que são os processos visíveis, como as rotinas e os objetos simbólicos. Aqueles que podem ser observados de forma fácil, porém cujas interpretações e apreensões dependem do contexto social, histórico e temporal. É por meio desses artefatos culturais que se expressam as crenças, valores e suposições fundamentais da sociedade em que seus produtores se encontram (SCHEIN, 2009). Como expressões visíveis da cultura, é nestes artefatos que encontramos os bens simbólicos e objetos culturais, que, neste trabalho, interessam, particularmente, os fenômenos culturais artísticos, ou seja, a música, a arte visual, a moda (figurinos), a dança e a performance (representada por shows, ensaios e desfiles de carnaval). O objeto artístico aborda fatores econômicos, culturais, sociais e políticos do momento histórico de sua criação e de sua recepção, assim podendo ser definido como um fenômeno cultural e social.

Os objetos artísticos são produzidos multidisciplinarmente e atravessam muitas áreas de confluência, uma vez que são produto da cultura (BARROSO, 2004). Seus produtores (artistas), assim como os receptores, são homens sociais que vivem em uma sociedade e que estão participando ativamente dos processos de construção de identidade e imagem; por sua vez, as obras e suas interpretações são condicionadas às vivências, identidades e culturas desses atores. Existe, portanto, uma interdependência da arte com o meio social, é impossível deslocá-la dele ou de seu contexto e esperar que ela ainda mantenha suas propriedades e códigos que permitem a sua interpretação.

3.1 A arte comunica?

A comunicação e a arte, apesar de não serem conceitos intercambiáveis, se assemelham em diversos pontos. As duas passam por processos que exigem percepção, implicando na decodificação de códigos dentro de um sistema que necessitam de conhecimento prévio, tanto pelo produtor quanto pelo receptor (FURIÓ, 2000, apud BARROSO, 2004). Para que a comunicação ou a arte tenha o resultado intencionado pelo comunicador ou artista, ele deve considerar o que o “outro” (receptor) percebe, ou seja, ter uma noção dos conceitos que o outro aprendeu durante sua vida e seu contexto social para tentar prever como o receptor irá interpretar a mensagem. Esse conhecimento é aprendido socialmente, e a capacidade perceptiva e interpretativa dos atores, tanto no processo cultural artístico como no processo comunicacional são condicionadas socialmente. O artefato cultural, assim como a linguagem, segue os padrões de conduta da sociedade, e sua existência e interpretação se dão a partir deles (DEWEY, 2010).

Os bens simbólicos, sejam eles os meios de comunicação, os artefatos culturais ou objetos artísticos, são produções que expressam valores culturais enraizados e difundidos em determinadas comunidades. A dimensão simbólica das produções artísticas e sociais resultam da construção sociocultural, ou seja, existem a partir de uma realidade concreta, vivida por indivíduos e representada por símbolos que têm valores atribuídos a si (BARROSO, 2004). Tanto a comunicação quanto a arte são processos que, como a construção da identidade, imagem e cultura, estão em constante transformação e são constituídos por fases que se influenciam mutuamente e que se sustentam nas relações sociais.

Dewey (2010) destaca três similaridades nos processos do comunicador e do artista. Primeiro, ambos se movem pela imaginação e empatia; segundo, tanto a comunicação quanto a arte são atividades que estão sujeitas a elementos inesperados, uma vez que elas têm uma carga de emoção e paixão; e, finalmente, as duas são processos que não visam e não existem somente pelo resultado dele, mas pelo que ocorre durante sua execução. Não existe um produto final para uma obra de arte ou para uma comunicação - a ideia de um produto pronto e acabado para ser consumido não se encaixa nas suas naturezas. São processos que se desenrolam com diálogos entre produtor e receptor, que se dão em suas subjetividades e relações. Enquanto as duas podem buscar um resultado específico, não existe forma de assegurá-lo; até porque, na produção de uma obra de arte ou de uma ação de comunicação, o “produto final” será diferente para cada indivíduo impactado, para cada vez que for

apreendida, para cada situação e contexto que ocorrer. A “cultura material é polissêmica e leituras múltiplas convivem no mesmo espaço e tempo” (GASPAR, 2004, p. 160), ou seja, não é possível dizer a mesma coisa da mesma forma, e a mesma coisa pode ter diversos significados.

3.1.1 A função da arte

Os objetos artísticos representam e expressam os valores de uma comunidade e sua dimensão simbólica envolve rituais sociais que são resultados de uma construção sociocultural (BARROSO, 2004, p. 82). A arte é capaz de comunicar justamente por trabalhar com essa dimensão simbólica da mesma forma que a comunicação. Elas têm instrumentos, regras implícitas de códigos, buscam um efeito e necessitam de, pelo menos, dois indivíduos (um produtos e um receptor) para ser capaz de iniciar seus processos.

Ao longo dos anos e dos registros da história humana, os objetos artísticos têm tido funções específicas documentadas - inclusive, muitos, por seus criadores, não eram sequer considerados objetos artísticos, mas utilitários, sagrados, de culto ou ritualísticos. Nossa visão contemporânea sobre as pinturas das cavernas como os primeiros registros de “arte” na humanidade possivelmente estão equivocadas. Bell (2008) indica que elas poderiam ser registros dos rituais testemunhados naquele espaço e como uma comunhão entre imaginação e natureza; a escuridão da caverna e os desenhos na parede de animais com os padrões e estampas se movendo ao bruxulear do fogo estimulariam o sonho (2008, p. 17). Muito mais do que um registro visual, aquela representação teria uma função prática; sarcófagos, templos, vasos ritualísticos, estátuas, bacias, entre tantos outros objetos hoje expostos em museus e galerias como arte, tiveram, em sua criação, funções específicas para além da sua apreciação. Esse deslocamento de um objeto artístico utilitário para “somente” objeto artístico é muito mais identificável nos de origem de povos não-europeus e do hemisfério sul, em função dos processos de colonização e roubos desses objetos que, deslocados de seu contexto sociohistórico e cultural, viraram exclusivamente peças expositivas de museu.

Por ser um animal social, o homem valoriza muito as relações, trocas e contatos sociais, tanto entre indivíduos como com objetos que o rodeiam, uma vez que esses objetos podem assumir dimensões utilitárias, como apresentado antes, como dimensões contemplativas (BARROSO, 2004). Os objetos artísticos têm funções e são capazes de

comunicar mesmo quando não foram criados como utilitários ou sacros. Artemisia Gentileschi, ao pintar o quadro “Susana e os velhos”, utiliza a imagem e representação de um conto bíblico para expressar, pela pintura, sua experiência com abuso sexual e como mulher na sociedade que vivia (BELL, 2008, p. 229). Velázquez, em 1656, pinta o quadro “*Las Meninas*”, encomendada por seus patronos, a família real Espanhola. Ao mesmo tempo que o quadro eterniza a família real e reforça seu *status* e importância de ter aquele registro, o pintor denuncia e expõe os contrastes da sua sociedade: as damas de companhia e uma anã contrastando com a princesa; a ostentação do rei, rainha e princesa oposta a quem trabalhava para eles *versus* um palácio sem candelabros, retirados e vendidos para tentar evitar a falência da família real (BELL, 2008, p. 249).

Obras de arte renomadas, como esse quadro de Velázquez, exemplificam bem como os contextos sociohistóricos e culturais afetam não só a produção do objeto cultural, mas o significado agregado à sua própria existência. Na época, a criação do quadro demonstrava status e importância da família real para seus contemporâneos. Hoje, carrega uma mensagem fundamental como registro histórico da hierarquia espanhola e dos costumes da época; mas também, para a sociedade atual, poder visitar o quadro, reconhecer sua história, é uma forma de demonstrar que se pertence a um grupo de pessoas que valoriza a arte, a cultura erudita e o estudo da história humana, características que ajudam na identificação dos indivíduos em grupos com gostos semelhantes na sociedade, criação de subculturas, interesses comuns e formação de identidades coletivas. Essa mensagem não é exclusiva ao quadro “*Las Meninas*”, sendo compartilhada por diversas obras de arte clássicas, mas a habilidade de comunicar e transmitir isso e infinitas outras percepções, fatos e significados é compartilhada por toda e qualquer arte, em diferentes formatos e mídias.

3.2 Manifestações na arte

Para a transmissão de mensagem e significado, basta o objeto cultural ter sido criado e exposto a outro indivíduo que não seja o artista. Esta pessoa, o receptor, precisa ter sua atenção capturada pela forma simbólica e relacioná-la à sua bagagem de experiências. Como já mencionado anteriormente neste trabalho, não existe transmissão de significado e apreensão sem ser um processo imersivo, circular e referencial, ou seja, como apontado por Junior (2010), o espectador, tal qual o emissor, está envolvido inteiramente, não é um ator

passivo. Como afirma o autor, especialmente nos produtos culturais, o receptor é alguém que demanda mais interatividade das formas simbólicas a fim de aumentar sua disposição a participação no processo de apreensão dos significados. Isso faz com que os meios e grupos culturais (produtores e artistas, principalmente) tenham uma preocupação crescente em buscar novos formatos, narrativas e experiências, mais imersivas e interativas, que o espectador possa ser envolvido e ativamente participar, para mudar a sua postura e crescer a possibilidade de identificação.

Na busca por estes novos formatos, se faz cada vez mais presente na cidade uma arte que envolve a população, já que tudo que está nela é uma manifestação da cultura urbana. Viadutos, pichações, cartazes, *selfie*, músicos de rua, comportamentos públicos de expressões coletivas ou individuais - tudo comunica a cultura urbana (SILVA, J., 2021, p.33). Os novos formatos de arte, quando colocados na cidade, dialogam com o ambiente, contexto e população que o presencia, dando uma nova dimensão ao processo de apreensão de sentido da forma simbólica. A cidade passa a influenciá-lo, cumprindo papel de um organismo que vai negociar sentidos, significados, mensagens (GÓNZALEZ-VICTÓRIA, 2011, apud GELAIN, 2021), além de gerar conflitos que irão, em um ciclo eterno, reinventar e ressignificá-los para cada indivíduo e em cada momento distinto.

Josiney Silva (2021) destaca que, ao aceitar a arte (em todas suas instâncias, vertentes e meios) como maneira válida de comunicação, ela é legitimada como método de expressão e manifestação política eficaz. Quando ocorrem essas trocas e interações das intervenções artísticas com o espaço urbano e população, a função de manifestação sociopolítica das artes se destaca. Através delas, seja qual for o formato, a população pode se unir, comunicar suas insatisfações e difundir informações e ideias, no seu direito à liberdade de expressão, pensamento e manifestação, garantido pelo Artigo 5 da Constituição Federal de 1988 e pelo Artigo 13 da Convenção Americana de Direitos Humanos (1969). De forma pacífica, a população pode se reunir em locais públicos e se expressar no formato de sua escolha, incluindo de forma artística, utilizando a cidade e todas as interações que o meio propõe como palco e amplificadores da causa.

Quando apresentada em formatos mais contestatórios, como a arte de rua performada nos ambientes públicos (por exemplo o *Slam*) ou material (como o grafite e pichação), ela integra o espaço arquitetônico da cidade e elas se articulam numa reivindicação de ocupação e transformação do espaço. Contra a ideia elitista de uma cidade limpa e ascética, essa arte luta

por um espaço público que representa, que tenha alma e que reflita a situação de sua população (SCANDIUCCI, 2018, apud SILVA, J., 2021). São nesses formatos que a manifestação de denúncia ou reivindicação aparece de forma mais explícita e sobre temas políticos (até mesmo os que são considerados tabus) como raça, classe, gênero e sexualidade (FORTES, 2019, apud GELAIN, 2021, p. 85).

Nessa linha, o *Slam* é uma forma artística de performance da poesia através do texto e oralidade, que ocorre nas ruas e parques das cidades, envolvendo artistas, poetas e público em geral de forma ativa, tanto no papel de plateia como de jurados (GELAIN, 2021). Não só pelos temas abordados, que podem trazer tom de protesto ou desabafo, o *Slam* é um espaço de resistência e subversão de expectativas, seja pelo texto ou forma de declamar - que não necessariamente segue a métrica, decoro ou etiqueta da poesia e literatura erudita -, ou por ocupar um local geográfico no centro da cidade de forma oposta ao planejamento urbano (GELAIN, 2021, p.494). O *Slam* tem uma característica fundamental comum ao objeto deste trabalho, que é a da imaterialidade. No momento que ele está ocorrendo, está ali para ser vivido, apreendido e aproveitado, porém, no final, restam somente registros e imaginários. Isso não significa que não haja uma preparação prévia, uma vivência que se estende nas trocas pré e pós evento, ou um impacto que seguirá sendo revivido na memória e reapropriado até a próxima edição (e depois dela). O poeta do *Slam* prepara o texto, ensaia por dias e semanas; e, fazendo a analogia para o carnaval, o Bloco e os lajudos preparam as fantasias, treinam a coreografia e decoram as letras por meses. O público do *Slam* vive o momento e sua temporalidade limitada, mas deixa a praça sem um objeto físico ali como produto, somente com o impacto e ressignificações que o público levará para sua vida. Os foliões saem do Bloco da Laje da mesma forma, revivendo os momentos, as experiências e ressoando as mensagens e letras de música do Bloco em sua memória, mas o Recanto Africano⁸ (figura 2) seguirá o mesmo que era antes do ensaio, ou a avenida receberá o trânsito depois que o trio passar na saída oficial, sem nenhum objeto material que immortalize o que aconteceu ali.

⁸ Apelido dado ao Recanto Europeu, zona dentro do Parque Farroupilha, em função da história negra da cidade e, especificamente, da região do parque.

Figura 2 - Ensaio do Bloco da Laje no Recanto Africano, em 2022



Fonte: Maciel Goelzer, 2023.

A arte feita pelo e com o público e que acontece fora dos museus, galerias e teatro é imensa no seu poder de comunicar, manifestar e transformar. O grafite, o *Slam*, os blocos de carnaval de rua, entre tantos outros formatos de arte, fazem apropriações e improvisações dos espaços urbanos que ocupam. São experiências corporais, culturais e artísticas que reinventam a cidade e seu cotidiano toda vez que ocorrem e a cada vez que são vividas por um indivíduo (JACQUES, 2010, apud GELAIN, 2021). Com o entendimento de que a arte tem uma função comunicacional, pode ser popular, acessível e utilizada sem maiores formalidades rígidas na cidade para ampliar a voz da população, podemos aplicar isso especificamente ao cenário brasileiro. Pelo território nacional ser tão extenso, há diversas formas de manifestações culturais típicas do país, mas que, geralmente, estão mais presentes em algumas regiões que outras, como o frevo no nordeste ou o *Oktoberfest*⁹ no sul. Outras expressões artísticas, no entanto, são encontradas em todo território nacional, mesmo com variações entre estados, sendo esse o caso do carnaval. Seja no sambódromo, nas ruas, ou clubes privados, praticamente todo brasileiro o celebra e o apropria de alguma forma.

⁹ Traduzido, as “celebrações de outubro” são um festival que comemora a cultura alemã, em especial a culinária, costumes, música e cerveja. No Brasil, a maior festa é em Blumenau, como uma celebração das tradições germânicas trazidas pelos colonizadores.

3.3 Protestos carnavalescos

São nas práticas culturais que se unem os grupos com gostos, hábitos e crenças semelhantes e onde se forjam as identidades individuais e coletivas. Hall (2015) pensava no conceito de identidade nacional não como algo inato, mas uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1983, apud HALL, 2015) que se transforma de acordo com os processos de representação. As nações seriam uma comunidade simbólica que promove sentimentos de identidade, lealdade e que tem o potencial de produzir sentidos (SCHWARTZ, 1986, p. 106, apud HALL, 2015). A identidade nacional é cultural e possibilita que os membros de uma sociedade possam ter um sentimento de união, independente de classe, gênero ou raça. No caso do Brasil, podemos pensar que o carnaval é um dos símbolos da cultura brasileira desde os primórdios da celebração.

Os muitos carnavais do Brasil, desde os bailes privados às Escolas de Samba ou blocos de rua são uma síntese do país (SILVA, G., 2019), com a mistura de ritmos, festas e grupos em uma grande festa popular brasileira, sendo uma das poucas festividades que a maioria da população celebra (BARROS, 2021). Enquanto existem diferentes carnavais brasileiros que representam e pertencem a distintas identidades individuais e coletivas, a festividade do carnaval é parte da cultura do país e, portanto, da identidade nacional brasileira. Ele é uma manifestação cultural do Brasil que age como palco para comunicar questionamentos da população, assim como dores e insatisfações, sem perder a leveza e alegria da festa que são tradicionais à identidade brasileira.

Não há consenso entre pesquisadores sobre o surgimento do carnaval. Ferreira (2009, apud SILVA, G., 2019) o coloca nos cultos agrários na Antiguidade, enquanto Krawczyk, Germano e Possamai (1992, apud SILVA, G., 2019) já o relaciona às batalhas da Idade Média. Porém, o início do carnaval brasileiro é atribuído aos portugueses que chegaram no Brasil no século XVIII, uma vez que na península ibérica realizavam a prática de entrudos, grandes festividades de rua que se jogavam ovos, farinha e água uns nos outros. A polícia brasileira proibiu a prática de entrudos e, a partir dessa limitação, a sociedade carioca se dividiu em diversos grupos e práticas para celebrar o carnaval, sendo esse o nascimento das escolas de samba, bailes e blocos de rua (SILVA, G., 2019).

Independente da origem ou do formato adotado para celebrar a festividade, o carnaval é adotado largamente pelo território brasileiro até hoje. Como parte da identidade nacional,

reflete a cultura e característica da população do país, além da necessidade humana de ter um momento de alegria, riso, dança e brincadeira livremente (MORAES, 1987, apud SILVA, G., 2019). O carnaval é momento de exaltar o Brasil e dar voz a sua população, seja ocupando os espaços públicos ou ambientes privados, nos desfiles das escolas de samba, nos trios elétricos que dominam as ruas da cidade ou nas rodas de samba e ensaio de baterias.

Um exemplo de como o carnaval, nos seus mais variados modos de celebrar, é um objeto cultural que comunica, assim como o *Slam*, é o do samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, em 2019. Como uma das escolas de samba mais tradicionais do país e a vencedora do prêmio Estandarte de Ouro 2019 como melhor escola do Grupo Especial, a Mangueira apresentou o samba-enredo “História pra Ninar Gente Grande”. O principal enfoque foi a história esquecida ou ignorada do Brasil, apresentando versos como “Brasil. meu nego/ Deixa eu te contar/ A história que a história não conta/ O avesso do mesmo lugar/ Na luta é que a gente se encontra” (DOMENICO *et al.*, 2019). O enredo homenageou líderes abolicionistas, ativistas, quilombolas, revoltas indígenas e heróis políticos que não são mencionados nos livros de história, além da vereadora Marielle Franco (Psol), assassinada em 2018 (RIBEIRO, 2019). Questiona o termo “descobrimento” do Brasil e reforça que desconhecer o passado compromete o futuro da nação, usando os defensores da Ditadura Militar como exemplo (VEJA RIO, 2018).

Em um desfile repleto de arte que reflete a identidade nacional, nas cores, símbolos, ritmos, danças, letras e histórias dos personagens, o enredo da Mangueira equilibrou a alegria e brilho do carnaval com manifestação sociopolítica e reivindicações. A escolha de instrumentos no samba-enredo da Mangueira também refletiu outro aspecto da identidade nacional e cultural brasileira. A bateria contou com instrumentos característicos nas práticas das religiões de matriz africana, a fim de valorizar a cultura afro e sua influência na brasileira, além de ser mais uma forma de se manifestar no desfile, desta vez contra o preconceito às religiões afrodescendentes.

Os desfiles de escolas de samba no Rio de Janeiro têm maior visibilidade que um bloco de rua, especialmente por serem televisionados integralmente em rede aberta. Logo, a mensagem que buscam transmitir alcançará uma parcela maior da população e, em razão disso, costumam ser manifestações mais universais no âmbito nacional (racismo, apagamento e liberdade, como demonstrado no exemplo do samba-enredo da Mangueira), nas quais mais pessoas irão se reconhecer. Porém, apesar do alcance, a construção da mensagem da escola de

samba é mais limitada, sendo feita pela direção e bateria, o público sendo mais um espectador atento do que um participante ativo na sua criação. Já nos blocos de rua, é um processo mais coletivo - envolve a vizinhança, permite a participação das pessoas que estão na volta do bloco, de sua saída, ensaio ou até mesmo escolinhas¹⁰. Em função desse potencial maior de participação ativa do público e pelo fato de ser mais nichado geograficamente, os blocos de rua podem fazer manifestações mais pontuais às vivências da sua cidade, por exemplo. Independente do alcance, seja nas escolas de samba ou nas ruas, o carnaval se coloca como uma festividade que alcança o patamar de identidade nacional e como forma de se manifestar coletivamente através das múltiplas formas de arte que sua organização envolve.

¹⁰ Oficinas abertas para o público geral (gratuitas ou pagas) de instrumentos ou dança voltadas para ritmos carnavalescos, muitas vezes oferecidas pelos maestros e regentes das baterias dos blocos de rua.

4 LÁ VEM GENTE: O CARNAVAL DE RUA COMO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA

Como apresentado nos capítulos anteriores, a arte e a cultura tomam diversas formas, comunicam mensagens e manifestam questões políticas, sociais e culturais da sociedade. As pinturas, o *Slam*, o grafite, a música e os desfiles de carnaval são só alguns dos formatos que ela se apresenta. Neste capítulo, o mergulho definitivo no universo carnavalesco ocorre, e não só como apresentado anteriormente, nos desfiles e escolas de samba, mas invadindo as ruas da cidade. Os próprios títulos deste capítulo são um indicativo desta imersão, sendo nomeados em homenagem às músicas do Bloco da Laje, tanto de autoria própria como as que fazem parte de seu repertório.

O carnaval, além de ser uma das características da identidade nacional do Brasil, traz diversas definições e significados. Bakhtin (1984, p. 10, apud DAUN E LORENA, 2019, p. 53) diz que “o carnaval celebrava uma libertação temporária da verdade prevalecente e da ordem estabelecida; marcava a suspensão de todas as classificações hierárquicas, privilégios, normas e proibições”. É um momento que ocorre uma inversão da ordem social, com potencial subversivo e regenerador, de mudança e renovação. Já DaMatta (1977, apud DAUN E LORENA, 2019) acredita que, apesar de concordar com a inversão que ocorre nos papéis sociais durante o carnaval quando o pobre desfilante é o personagem do rei, do nobre ou do deus (1997), ele simultaneamente reforça as diferenças. O autor realça que é ingênuo assumir que a festa é capaz de abolir as dimensões de contraste no cotidiano, fora da avenida. No momento das festividades, a raça credo, classe e ideologias são, muitas vezes, postas de lado e dialogam de forma pacífica durante a música, porém, depois do seu fim, a ordem social volta.

Daun e Lorena (2019, p. 54) apresentam o carnaval como uma válvula de escape para a sociedade. É uma situação que, através das expressões performativas carnavalescas, se destacam as questões de contexto histórico, social, político, experiências pessoais e coletivas (DAUN E LORENA, 2019, p. 60) - cada membro da sociedade se apropria da festa de uma maneira, celebram simultaneamente, mas tem um peso e forma diferente para cada pessoa, que pode destacar as diferenças. O jeito de celebrá-lo já deixa explícita a assimetria da festividade no Brasil. O carnaval do Sambódromo do Rio de Janeiro, como o que a Mangueira, mencionada anteriormente, se apresenta, com ingressos com valores altos que são

inacessíveis a algumas parcelas da população, enquanto, no carnaval de rua, o público de foliões é mais amplo, democrático e diverso, pelo baixo custo que ele tem.

A seguir, faço uma breve apresentação do carnaval popular no formato dos blocos de rua, seu surgimento e características, além de apresentar as noções de carnavais oficiais e piratas, trazendo autores como Belart (2021), DaMatta (1997) e Riskalla (2016). Os blocos de rua dependem do público, então o subcapítulo seguinte é dedicado a entender o papel dos brincantes com suporte teórico de Caetano (2015), Gelain (2021) e Belart (2021). Finalizo este capítulo com uma imersão na história do carnaval de Porto Alegre, direcionando o trabalho para esse recorte geográfico com seus principais representantes e coletivos, usando como base trabalhos de Riskalla (2016), Galli (2019), Sevaio (2010) e Gabriela Silva (2019).

4.1 Cordão da Idade Média: a história do carnaval de rua

Os blocos de rua surgem em paralelo aos desfiles em escolas de samba e bailes em clubes privados, como um carnaval popular e tomada festiva das ruas. Os ritmos, instrumentos e danças têm o mesmo tom carnavalesco dessas outras formas mais elitistas e excludentes de celebrar o feriado, enquanto, simultaneamente, atuam como um enfrentamento a elas (RISKALLA, 2016). O autor ainda nos revela que, no Rio de Janeiro, é possível perceber atores sociais (artistas, líderes de movimentos e grupos musicais) como os pioneiros nessa iniciativa de tomar as ruas da cidade com a arte que a festa envolve, numa manifestação espontânea, contestatória e cultural.

Tudo que ocorre na cidade, toda forma de arte, de ocupação, de comunicação, indica a cultura urbana (SILVA, J., 2021), então, quando os blocos de rua tomam as avenidas e praças, eles estão construindo estéticas, imagens ativistas e inventando modos de vida, ao criar espaços em um local que não os representa inteiramente (BELART, 2021). Nessa apropriação da cidade pelos foliões e baterias, ela é reinventada e, enquanto o espaço urbano se torna parte do carnaval, os indivíduos que o fazem também se tornam produtos da cidade (BELART, 2021, p. 81). Como mencionado no item anterior, o carnaval de rua não cria objetos materiais permanentes - ele é breve, intenso e não costuma deixar rastros de forma proposital. A rua é ocupada por foliões em tutus e purpurina e, no dia seguinte, recebe carros; as praças viram pistas de dança para todos os ritmos, e no alvorecer voltam à rotina comum de receber famílias. No entanto, a imagem de um bloco de carnaval ocupando aquele espaço fica presa

no imaginário da cidade. Exemplificando com o Bloco da Laje, os lajudos que frequentam os ensaios raramente chamam o Recanto Europeu por seu nome, mas sim por Recanto Africano, pelas memórias evocadas da ocupação daquele espaço pelo Bloco. Os blocos são avassaladores e poderosos, por isso suas saídas são capazes de promover impactos e imagens duradouras (DAMATTA, 1997).

No formato mais tradicional dos blocos de rua, que prevalece até hoje no Rio de Janeiro e se reproduz em outras cidades, as saídas desses carnavais acontecem sem muito aviso, com o intuito de diminuir a possibilidade de repressão das forças policiais ou governos. No meio da noite, grupos divulgam o local do ponto de encontro enquanto se deslocam (BELART, 2021), ou, se pretendem reunir na casa das dezenas de milhares e carecem de um pouco mais de organização ou estrutura, no dia anterior o ponto de encontro é publicado nas redes. As multidões que se reúnem ressignificam os espaços da cidade, chocam os desavisados com os visuais carnavalescos e a sua potência sonora e musical (BELART, 2021, p. 102). É nessa reunião surpresa, entre a bateria que ensaiou, os foliões que foram se divertir e os desavisados que residem no entorno ou só estavam de passagem, que as disputas de ocupação e imagem na cidade começam.

Celebrar na rua, ocupá-la e ressignificá-la no carnaval é uma prática pública do direito à cidade (BARROS, 2021). As disputas que ocorrem junto às saídas dos blocos podem ir muito além da questão da imagem e memória e, especialmente se for um bloco mais explícito em relação às suas manifestações e mensagens, podem sofrer repressão. Assim como qualquer forma de manifestação sociopolítica, o direito de se reunir pacificamente é um ato político institucional e, mesmo que tenha uma roupagem de festa, música e alegria, não está imune a retaliações (BELART, 2021, p. 98). O carnaval de rua representa um espaço de contestação da ordem vigente, das políticas, dos governos, dos direitos e de suas violações (RISKALLA, 2016) por parte da população que ali vive; é um momento de expressão dos valores da vizinhança que ocupa sua área pública e subverte sua manifestação para uma festa (DAMATTA, 1997).

Entre as principais bandeiras que os blocos de rua levantam estão a liberdade corporal, sexual e de gênero, a ocupação dos espaços públicos, a dignidade e direitos para todos, independente de gênero, raça, credo, classe e sexualidade (BELART, 2021). Essas causas vão contra as ideologias dominantes, que temem o desconhecido e tentam impor uma imagem diferente de cidade desenvolvida e rica. Para Belart (2021), um dos grandes potenciais das

manifestações sociopolíticas no carnaval e, especialmente, nos blocos de rua, é a possibilidade de penetrar essas mensagens de justiça e diversidade em diferentes grupos que, normalmente, não estariam expostos a elas. Na última década, o carnaval de rua cresceu paralelamente ao totalitarismo, e as bandeiras levantadas pelos coletivos carnavalescos foram fundamentais para a festa não perder sua mensagem original (BELART, 2021, p. 117). Em 2023, na retomada da celebração popular de rua após a pandemia de Covid-19 e governo bolsonarista, esses valores e bandeiras estão mais explícitos que em anos anteriores, por exemplo, o Carnaval da Revanche, do Bloco da Laje.

4.1.1 Terremoto Clandestino: Blocos Absorvidos versus Blocos Piratas

A popularização dos cortejos anônimos e ambulantes começa a criar pequenas tradições referentes a cada grupo, como cores (o azul, vermelho e amarelo do Bloco da Laje) (figura 3), gêneros musicais específicos (o Bloco Emo, em São Paulo) ou até acessórios específicos (Bloco Minha Luz é de Led, que sai às noites no Rio de Janeiro iluminados por Led); os blocos de rua passam a criar suas próprias regras, respeitadas entre seus pares e foliões (BELART, 2021). Essas podem ser internas ao bloco, como exemplos anteriores, ou entre blocos e coletivos. Exemplificando, nos domingos de manhã na primavera e verão de Porto Alegre, a redenção é onde o Bloco da Laje ensaia; à tarde, quem assume a festa são os Inimigos do Fim, grupo aberto formado por foliões, banda e quem mais restar no espaço após o final do ensaio. Poucas vezes essas regras (internas ou externas) são expostas de forma oficial ou anunciadas, mas se espalham entre o público pelo boca a boca. Esse tipo de organização, somada ao aumento de adeptos ao carnaval de rua, faz o poder municipal perceber que existe um potencial de agrupar milhares de pessoas sem uma estrutura elaborada, permanente ou cara, que não em tom de descontentamento como um protesto (mesmo que dividam mensagens semelhantes, o formato difere, e os ânimos são mais leves).

Figura 3 - Brincantes caracterizados na 10ª saída do Bloco da Laje



Fonte: Maciel Goelzer, 2023.

Na expectativa de controlar esses cortejos e monetizá-los, os governos municipais e estaduais começaram a introduzir novas formas para as saídas dos blocos. Prefeituras e marcas fazem parcerias para explorar o potencial turístico e econômico do carnaval de rua (BELART, 2021). Assim se iniciam as alianças de bloco com marcas e governos, seja para realizar shows, participar de ativações comerciais ou ingressar no calendário oficial do carnaval da cidade. Esse modelo cria as classificações de carnaval de rua oficial e carnaval o não-oficial começa no Rio de Janeiro (BELART, 2021), que logo é exportado para outras cidades cujos festejos de rua seguem trajetórias semelhantes ao carioca, como o de Porto Alegre (RISKALLA, 2016).

O carnaval de rua oficial da cidade é formado pelos blocos que recebem a nomeação de “absorvidos” e funciona a partir de editais (RISKALLA, 2021). Os blocos que participam desses processos ganham uma cota de patrocínio (bancada por marcas parceiras e governos), apoio na contratação de estruturas (banheiros químicos, limpeza urbana, trio elétrico e segurança), além de uma data no calendário de carnaval da cidade e a chance da sua festa sofrer represália policial diminui. Em contrapartida, eles abrem mão de suas visualidades e estéticas (cores típicas, abadás, liberdade de ocupar o ponto que desejarem da cidade) para vestirem (nas fantasias, nas decorações e nos guarda-sóis dos ambulantes) a cor e logo das

marcas e instituições que financiam o carnaval (BELART, 2021; RISKALLA, 2016). O carnaval de rua feito com base no patrocínio privado transforma a festividade numa estratégia de marketing, que pode ser reproduzida tecnicamente e como um produto de lazer da indústria cultural contemporânea (padronizado e mercantilizado), afirma Riskalla (2016).

Os blocos de carnaval que escolhem não ingressar no calendário oficial costumam sofrer com algumas consequências, em especial a dificuldade de diálogo com o poder público e a arrecadação de fundos para realizar seus cortejos. Também conhecidos como independentes ou piratas, esses blocos fogem da formalização e mantêm a festa com um caráter irregular e espontâneo (BARROSO, 2017; COUTO, 2019, apud BELART, 2021, p. 20). Esse tipo de coletivo tende, como o Bloco da Laje, a recorrer a *crowdfundings*, clubes de apoio, realização de shows e venda de mercadorias com a marca do bloco para financiar seus cortejos e ensaios. Esta independência financeira em relação ao poder governamental garante que possam manter sua mensagem original completa, desde suas músicas, a suas formas de brincar o carnaval até sua estética; por isso, “a festa pirata permanece potente e subversiva” (BELART, 2021, p.129).

Todos os blocos de rua, sejam absorvidos ou piratas, mantêm a característica-chave de serem tumultuosos e receptivos. Assim como o carnaval de rua oficial não perde por completo sua liberdade de festejar ao assinar o edital, o pirata não é completamente livre das regras (segue tanto as leis quanto suas regras implícitas ao bloco). O carnaval de rua, qualquer que seja seu formato, ainda é um território de variações, espontaneidade e conflitos (BELART, 2021). O folião pode ser qualquer pessoa, vizinho do local da saída, alguém que se deslocou especificamente para o cortejo ou um dos ambulantes, e todos podem brincar o carnaval à sua maneira. Não existe um camarote para foliões que pagarem mais; a brincadeira entre a bateria e o brincante de carnaval acompanha toda saída; o clima lúdico e a mensagem da festa estão presentes, seja com as cores dos blocos ou com os logos dos patrocinadores estampando os abadás e fantasias.

4.2 Deixa Brincar: o papel do brincante

O público é um dos atores mais importantes no carnaval de rua. Chamam atenção sempre os brincantes, pela sua importância para a realização dos blocos, mas também inclui outras pessoas que ocupam a rua e cercam a festividade, ou seja, ambulantes, vizinhos,

pedestres, moradores de rua, policiais e outros trabalhadores, como serviços de emergência, manutenção e comércio (BELART, 2021; GELAIN, 2021). Para Bakhtin (2010, apud SILVA, G., 2019) não existem espectadores no carnaval, pois a natureza do festejo garante sua existência como algo que é para todo povo. É importante refletir que nem todos que compõem o público estão de acordo com as mensagens do bloco e muito menos que estão ali com o mesmo propósito (BELART, 2021). Enquanto o brincante foi para participar de forma imersiva, outros indivíduos podem só estar transitando pelo espaço e serem impactados por isso, ou até, de fato, participarem, mas não da mesma forma, como um policial que precisa fazer uma abordagem ou um ambulante que vende bebida ao folião. Existe uma corpografia urbana, conceito apresentado por Gelain (2021, p. 495), que diz que toda experiência na cidade está atrelada aos corpos do indivíduo que participam dela, independente deles estarem envolvidos ativamente ou passivamente.

No carnaval pirata, se cria uma forma de fazer política com o corpo e com a festa, usando da cultura com ativismo musical, corporal e estético para transmitir sua mensagem, performar e ocupar a cidade, movimentar receitas, reduzir violências, alterar espaço, produzir imagens e socializar indivíduos (BELART, 2021). Essas manifestações são feitas e simultaneamente validadas pelo público e foliões que se envolvem e convidam a si e aos outros para pularem o carnaval (RISKALLA, 2016). No Bloco da Laje, uma das músicas mais populares do coletivo e que dá nome a este subcapítulo, “Deixa Brincar”, explicita isso nos versos “Quem quiser brincar/ Quem quiser que brinque agora” (MACHADO, BARROS, ALMAOE, LEONARDO, 2019): quem está lá e quer participar é convidado para fazê-lo e tornar real toda festividade.

Podemos ver a importância da participação do folião na brincadeira para o sucesso de qualquer bloco de rua, especialmente nos blocos não-oficiais. Na década de 60, na Ditadura Militar, as proibições da Igreja-Estado baniram os desfiles e cortejos carnavalescos, incluindo a saída do Bloco Chave de Ouro, que deveria ocorrer nas quartas-feiras de cinza, como relata Caetano (2015). A autora explica como a vizinhança e os foliões atuavam a fim de fazer o desfile, tradicional ao bairro, acontecer apesar da repressão policial violenta do regime militar, escondendo os músicos do bloco em suas residências quando policiais chegavam para impedir a festa. Além disso, desnorream as autoridades, puxando as melodias de carnaval de suas janelas e telhados, não deixando uma fonte única da origem do som. Uma das marchinhas do Bloco Chave de Ouro utilizava isso como enredo “Com briga não se arruma nada/ O nosso

bloco é mesmo de amargar/ O bloco sai, a polícia não quer, a polícia não quer, ô, ô...” (CAETANO, 2015, p.48), e explicitava esse diálogo entre o espaço urbano, o poder público e o poder do público através da festa.

O carnaval de rua depende de seus brincantes e evolui com a cidade. Se hoje existem vários modelos de celebrar o feriado, é justamente pelas diversas formas de expressão e valores que os coletivos, blocos, escolas de samba e foliões têm e compartilham entre si e para a sociedade. Como mencionado anteriormente neste trabalho, o carnaval de Porto Alegre se apresenta tanto no formato de escolas de samba como nos blocos de rua oficiais e piratas. No item seguinte, apresento brevemente a sua história e como se tornou o carnaval plural de atualmente.

4.3 Recanto Africano: carnaval de rua de Porto Alegre

O carnaval de Porto Alegre, desde seu princípio, é considerado uma manifestação cultural associada à população negra local, uma vez que ela foi a responsável por sua organização e realização na história da cidade (GALLI, 2019). Por esta razão, houve uma forte atuação das forças dominantes (governamentais e policiais) para controlar a festa e seu planejamento, tanto nos desfiles organizados por escolas de samba quanto nos blocos de carnaval (GALLI, 2019; RISKALLA, 2016), ambos que surgem na cidade em condições similares e passam por processos parecidos em que a prefeitura assume sua organização. Na década de 1930, se tem o registro do surgimento dos blocos em Porto Alegre (RISKALLA, 2016) que tomam as ruas da cidade como nova forma de celebrar o carnaval, não restrita aos clubes exclusivos à alta sociedade. Cattani (2014, apud SILVA, G., 2019) relata que os principais blocos da época tinham tom humorístico em suas marchas e nomes, como o Miséria e Fome, Tira o Dedo do Pudim e Não Empurra que é Pior.

A festa carnavalesca retoma sua amplitude com os carnavais de rua e, nas décadas seguintes, se torna cada vez mais participativa e comunitária (GALLI, 2019). As vizinhanças se organizavam em comissões montavam coretos¹¹ e elegiam jurados pelos bairros para que os blocos pudessem se apresentar e ser avaliados. Entre as décadas de 1940 e 1960, surgem alguns dos coletivos que persistem até hoje em Porto Alegre, que agora são as escolas de samba tradicionais da cidade, como Fidalgos e Aristocratas, Bambas da Orgia e Imperadores

¹¹ Estruturas metálicas que serviam de palco.

do Samba. Esta configuração do carnaval de rua, com apresentações organizadas e avaliadas, é uma das influências no surgimento do carnaval espetáculo que ganha destaque a partir da década de 1960 e faz parte do processo de cariocização do carnaval de Porto Alegre (GALLI, 2019).

Os anos 1950 refletiram o potencial do carnaval de bairro de Porto Alegre, sendo a época de ouro dele (KRAWCZYK, GERMANO, PASSAMI, 1992, apud SILVA, G., 2019). A festa dependia do envolvimento dos foliões ao não possuir uma estrutura oficial de apoio, que partia não só das pessoas envolvidas nas escolas de samba, passistas e técnicos, mas dos foliões, simpatizantes e espectadores da festa. O envolvimento da população com o carnaval de Porto Alegre é e sempre foi uma forma de compartilhar da cultura e expressões em um recorte específico à população da cidade (GALLI, 2019). Por isso, a festa tinha como características principais a descentralização dos cortejos, envolvimento dos cidadãos e pouco auxílio do poder municipal (SILVA, G., 2019), até 1962, quando a prefeitura tomou a frente da organização da festa. Através do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), atualmente o EPATUR (Empresa Porto-Alegrense de Turismo), cria limitações e regras para o carnaval (CATANI, 2014, apud GALLI, 2019). A disciplinarização do feriado se intensifica a partir de 1964, incluindo a proibição de realizar cortejos em determinados lugares e sob certas circunstâncias, assim como o uso de fantasias e alegorias, somada à forte repressão policial, tudo com o intuito de garantir ordem moral e pública na época da Ditadura Militar.

A grande retomada do carnaval de Porto Alegre se deu já no novo milênio. Riskalla (2016) afirma que ela parte dos blocos de rua e gera comoção para a população, que se identifica no papel de brincante. Quatro coletivos se destacam nessa retomada, o Bloco Maria do Bairro, fundado em 2007; o Turucutá - Batucada Coletiva Independente, em 2009; o Bloco Galo do Porto, em 2011; e, o objeto desta pesquisa, o Bloco da Laje, que vai às ruas pela primeira vez em 2012 (RISKALLA, 2016). O carnaval independente da cidade esteve em um movimento de crescimento exponencial entre 2005 e 2016, freado pelo poder municipal, que cria o calendário oficial de blocos de rua, e forças policiais, que, sob ordem da prefeitura, reprimem aglomerações nas ruas e encerram as festas (RISKALLA, 2016).

Mesmo com a redução no ritmo de crescimento, existe um interesse e um desejo da população porto-alegrense em pular carnaval na rua. Sevaio (2020) relata sobre a participação massiva da população no Circuito Oficial do Carnaval de 2020, dividido entre Orla do

Guaíba¹² e Cidade Baixa. O carnaval de rua, conforme descrito pela autora, é democrático e variado. Independente de ser um bloco pirata ou absorvido, seu público conta com famílias com crianças, idosos e jovens dividindo o mesmo ambiente com roupas coloridas, purpurinas e dançando aos ritmos mais diversos, do samba-enredo ao axé baiano e funk carioca (SEVAIO, 2020). Desde 2016, as festas de carnaval na rua, sejam elas do circuito oficial da cidade ou independentes, contam com repressão policial, especialmente quando se estendem até a noite, que fazem uso de tropa de choque, cavalaria e bombas de efeito moral para dispersão do público (RISKALLA, 2016; SEVAIO, 2020).

Ainda sim, a tendência ao crescimento se reflete no carnaval de 2023. No feriado de carnaval deste ano, milhares de foliões ocuparam os bairros da região central Cidade Baixa, Bom Fim e o Centro Histórico, inclusive bloqueando o trânsito pela quantidade de pessoas (MANSQUE, 2023). Mesmo com a falta de infraestrutura oferecida pela prefeitura de Porto Alegre, as festas contaram com público diverso, dos vizinhos do bairro às pessoas que se locomoveram desde a região metropolitana para participar. Apesar de conviver com uma prefeitura municipal que fornece pouco apoio à cultura local, não trabalha de forma colaborativa para que os cortejos ocorram e ainda aciona a força policial para encerrar festas de rua, o folião porto-alegrense demonstra gostar do carnaval e desejar ele, como explicitam os dados de crescimento da festa ano após ano. Por exemplo, o Bloco da Laje viu um aumento de 10 mil pessoas na sua saída de 2023, comparado ao cortejo anterior. Cerca de 30 mil brincantes participaram do Carnaval da Revanche, que se reuniu na Avenida Aureliano Figueiredo Pinto e encerrou na Orla do Guaíba. Fora do circuito de carnaval oficial da cidade e também do calendário esperado para a festa, uma vez que as saídas do Bloco são historicamente no último domingo de janeiro, o “Bloco da Laje representa um diferencial frente à tendência atual de construção da festa” (RISKALLA, 2016), mas tão desejado e bem recebido pelo brincante porto-alegrense quanto os coletivos que desfilam no fim de semana do carnaval.

O carnaval de Porto Alegre, mesmo com a supracitada precarização e pouco investimento por parte de órgãos públicos, movimenta os cidadãos. A vontade de brincar, dançar, celebrar a cultura e festejar, como forma de distanciamento dos problemas ou de se manifestar a respeito deles, existe, e ano após ano é demonstrada. No próximo capítulo, apresento o caso específico do carnaval do Bloco da Laje a partir da coleta de dados e análise

¹² Parque Urbano Orla do Guaíba, localizado às margens do lago Guaíba, na região central de Porto Alegre.

dos mesmos, para tentar identificar suas manifestações políticas, culturais e sociais, e o impacto destas na imagem e identidade do coletivo.

5 QUEM É O BLOCO DA LAJE?

Neste capítulo, utilizo o trabalho de Duarte (2005) para apresentar os procedimentos metodológicos utilizados (pesquisa de campo, com observação participante e entrevista) e a forma de análise dos dados. A seguir, desenvolvo os achados da pesquisa a fim de responder os objetivos apresentados na introdução deste trabalho. A interpretação dos dados inclui não somente as informações coletadas nas entrevistas e na observação participante, mas também dados secundários provindos da pesquisa documental, cujas principais fontes foram o trabalho de Riskalla (2016) e as redes sociais, plataformas e notícias sobre o Bloco da Laje. A fim de dar sustentação à análise, as interpretações são postas em comparação à teoria apresentada nos capítulos anteriores.

5.1 Procedimentos Metodológicos

Para a escolha dos procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, foi necessário fazer uma retomada do problema de pesquisa: Como os foliões do Bloco da Laje percebem a imagem do Bloco ao longo de sua história e expansão? Como a resposta para a pergunta busca compreender uma situação, faz-se necessária a pesquisa exploratória, qualitativa e apoiada no conhecimento do pesquisador, obtido por estudos prévios à obtenção de dados primários (DUARTE, 2005). Para isso, foram selecionadas as técnicas de observação participante e entrevista em profundidade, e seus dados interpretados pela metodologia da análise de conteúdo proposta por Júnior (2005).

A observação participante é um método de pesquisa qualitativa e empírica que exige imersão por parte do pesquisador no seu objeto e tema de estudo (TRAVANCAS, 2005). O indivíduo que realiza a observação participante deve se inserir no campo, enxergando de dentro como ele funciona e se desenrola, tendo um papel social dentro do grupo, algo que ajuda a criar proximidade e aceitação entre o coletivo. Neste trabalho, a observação participante se deu de forma encoberta, onde eu me juntei aos foliões do Bloco da Laje sem me anunciar como pesquisadora. Pela observação participante ter ocorrido sempre em locais de acesso público (shows, ensaios e saída oficial), não houveram dificuldades na imersão que exigissem que eu me identificasse. O método de observação participante, para Travancas (2005), exige que o pesquisador seja iniciado no tema. Minha iniciação ao Bloco da Laje se

deu em anos frequentando os ensaios, shows e saídas do coletivo e acompanhamento das redes sociais e notícias deles.

Estive presente fazendo a observação participante em oito ensaios abertos no Recanto Africano, um ensaio para apoiadores do Clube Laje¹³ na Banda da Saldanha¹⁴, dois shows (Carninverno, 25 de junho, e Baile de Primavera, 8 de outubro, ambos na Banda da Saldanha) e na saída oficial de 2023. O período da observação participante foi entre 25 de junho de 2022 e 29 de janeiro de 2023. Estive ausente em quatro eventos públicos em Porto Alegre que contaram com apresentações do Bloco da Laje: dois ensaios para apoiadores na Banda da Saldanha (27 de novembro e 16 de dezembro de 2022), o festival de música NaBeira e a segunda apresentação do Carninverno (26 de junho de 2022). As informações foram coletadas através de anotações em diário de campo no bloco de notas e registros de voz no celular, além de fotos e vídeos.

Sequencialmente, a entrevista individual em profundidade semi-estruturada e semi-aberta foi escolhida por permitir a exploração de um tema a partir das experiências e conhecimentos dos informantes, seguindo um roteiro de questões (apêndice B) como referência, que é ajustado e flexibilizado conforme as respostas dos entrevistados (DUARTE, 2005). A seleção dos participantes da entrevista teve caráter intencional, por juízo particular. Neste trabalho, isso significou fazer um recorte de comportamento, geográfico, geracional e escolaridade. Esses critérios se deram a fim de tentar reduzir as variáveis de suas experiências para além do Bloco da Laje. Foram eles: a) ter ido na saída do Bloco da Laje de 2023; b) ser natural de e ter residido a vida toda em Porto Alegre, para que tenham vivido sob as mesmas legislações e limitações impostas pelos governos municipal, estadual e federal, além do mesmo potencial de acesso a eventos públicos; c) ter começado a frequentar as saídas do Bloco da Laje entre seus 18 e 30 anos, para que tenham vivido uma situação social e ritmo biológico semelhante, segundo a ideia de fator coletivo apresentada por Mannheim (1982, apud GROPPPO, 2000), e a faixa etária da juventude e início da vida adulta ser considerada a primeira absorção consciente das experiências sociais e o momento em que o indivíduo é considerado o agente revitalizador da sociedade; e d) terem, no mínimo, iniciado um curso de Ensino Superior em uma universidade, para que tenham tido a possibilidade de acesso a grupos e círculos sociais diferentes das que cresceram imersos.

¹³ Clube de assinatura mensal, que fornece benefícios de empresas parceiras do Bloco da Laje para assinantes, cujos valores arrecadados são destinados à manutenção do coletivo.

¹⁴ Instituição de mobilização popular de Porto Alegre, que possui espaço na avenida Padre Cacique, região central de Porto Alegre, onde ocorrem eventos ligados ao carnaval e entretenimento em geral.

Além destes critérios de pré-requisito para entrevistados, foram selecionados três perfis distintos em termos de temporalidade de envolvimento com o Bloco. A escolha de trabalhar com três perfis se deu para possibilitar a resposta dois objetivos específicos (analisar se foliões que acompanham o Bloco da Laje há diferentes períodos têm imagens distintas do Bloco e averiguar se existe uma correlação entre a percepção dos foliões sobre o Bloco da Laje e suas manifestações sociopolíticas e o período de envolvimento com o Bloco). O primeiro perfil é o de Folião Novato, cuja a primeira e única saída do Bloco da Laje que participou foi a de 2023; o segundo, Folião Iniciado, é o que, além de 2023, frequentou as saídas do Bloco no período de governo Bolsonaro (2019 e/ou 2020); e o de Folião Veterano, que frequentou pelo menos uma saída em 2018 ou anos anteriores e as de 2019, 2020 e 2023. Foram ouvidos 3 foliões de cada um dos perfis, totalizando 9 entrevistas.

Na fase de preparação, foi realizada uma entrevista de pré-teste, via *Meet*, do Google, com uma foliã do Bloco da Laje que não é natural de Porto Alegre, mas se encaixava nos outros requisitos. A entrevista de pré-teste ocorreu no dia 24 de fevereiro de 2023, com duração de 1 hora e 2 minutos, a fim de testar o instrumento de pesquisa e ajustar o roteiro. Houve espaço, posteriormente a conclusão do exercício, para que ela desse um retorno sobre o roteiro de perguntas. Após ajustes indicados no roteiro, a seleção de entrevistados iniciou a partir da demonstração de interesse em participar via publicações de divulgação da pesquisa (anexo A) nas minhas redes sociais particulares (Instagram e Twitter), com os voluntários iniciando o contato e agendamento de datas individuais feito via mensagens privadas. A seleção foi encerrada menos de 24 horas após seu início graças a grande mobilização de foliões do Bloco, dentro e fora do meu círculo de amigos, com as publicações (somando as duas redes sociais) totalizando em mais de 90 compartilhamentos e 12 mil visualizações.

Todas as entrevistas foram realizadas por videoconferência no *Meet*, entre os dias 28 de fevereiro e 05 de março de 2023. As entrevistas tiveram média de duração de 37 minutos, com a mais curta totalizando 26 minutos e a mais longa 58 minutos. Todas tiveram o áudio gravado, além de anotações tomadas, e os informantes assinaram o termo de consentimento para utilização das informações compartilhadas disponibilizado pela UFRGS (anexo B). Os resultados foram sistematizados em seis categorias, sendo elas: o perfil dos foliões; o comportamento (político) dos foliões; o primeiro contato com o Bloco, que corresponde às vivências particulares nos eventos do Blocos da Laje, especialmente as introdutórias; percepção do Bloco, onde se agrupam suas interpretações e fatos apreendidos a respeito do

Bloco; como o Bloco se manifesta, na qual se aglomeram as coisas vistas e ouvidas, especialmente sobre manifestações; e reflexões sobre o Bloco da Laje.

Todas as informações coletadas nas entrevistas, assim como registros do diário de campo, foram processados com base na ideia da análise de conteúdo. Esse método é destinado a investigações dos fenômenos simbólicos (JÚNIOR, 2005, p. 280), e se deu a partir da organização do material (transcrição das entrevistas e separação das respostas em blocos de interesse em tabelas) pela análise categorial com critério semântico (separado pelas temáticas), apresentadas anteriormente junto às entrevistas.

5.2 Principais achados de pesquisa

O presente estudo teve como suporte a análise ampliada das categorias, previstas nos roteiros e alinhadas ao processo de reorganização das informações a partir das interpretações das narrativas dos entrevistados, portanto, adequada ao que Duarte (2005) indica como “uma maneira de analisar é fragmentar o todo e reorganizar os fragmentos em novos pressupostos” (DUARTE, 2005, p. 221). Assim, a análise de conteúdo foi utilizada para processar os dados obtidos nas entrevistas em profundidade, na observação participante e na pesquisa documental em relação à teoria apresentada nos capítulos anteriores. Os achados foram divididos em cinco categorias, organizadas como itens deste capítulo, a fim de agrupar as informações por sua temática para cumprir o objetivo geral e específicos. As informações foram expostas utilizando de quadros, registros fotográficos e citações diretas e indiretas das entrevistas.

5.2.1 *Perfil dos Foliões*

Para compreender como a imagem do Bloco da Laje é formada e o que a afeta, é necessário compreender os públicos envolvidos no processo de criação de imagem e identidade. Os atores principais nesse processo são o próprio Bloco e, o que mais interessa nesta categoria, os foliões. Entendemos que o Bloco da Laje é um coletivo carnavalesco cujas principais características refletem a sua identidade desejada, que são a teatralização, musicalidade e visualidade, em que a brincadeira e a ocupação da rua são um formato de posicionamento político, com o lema sendo justamente a questão de se deixar brincar

(RISKALLA, 2016), mas quem está do outro lado? A identidade e imagem, conforme Hall (2014, 2015) e Baldissera (2004, 2008), citados anteriormente, afirmam, são processos que não dependem só do que se referem, mas do outro que o observa. Entender quem “o outro” (neste caso, os foliões) é, seus contextos, vivências, experiências e processos de apreensão e interpretação que o outro faz sobre algo são fundamentais para tentar identificar a identidade e imagem do objeto (Bloco da Laje).

Para identificar o perfil do folião, inicialmente me baseei nos achados da observação participante. Nos ensaios, shows e saída, se destacou a variedade de pessoas no público em relação às características visíveis. Apesar da maioria das pessoas aparentarem estar na faixa dos 18 aos 30 anos, existe uma presença significativa de outras idades, como idosos e adultos na faixa dos 30 aos 50 anos, inclusive acompanhados de crianças e bebês. Parece haver também um equilíbrio entre o público feminino e masculino, não se notando predominância de uma identidade de gênero sobre outra. Interessante ressaltar que foram avistadas muitas manifestações de gênero e sexualidade por meio de símbolos (bandeiras, bottons e adesivos com as bandeiras LGBTQIA+). Em relação à raça, enquanto existe um público racializado relativamente grande que frequenta o Bloco da Laje, foi possível identificar uma predominância de pessoas brancas, que se acentua em ensaios fechados para apoiadores e shows.

Os entrevistados selecionados para a entrevista confirmam essa percepção de predominância de pessoas brancas em meio aos foliões, como demonstrado no quadro 1.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados¹⁵

Entrevistados	Idade atual	Curso	Instituição	Autodeclaração Racial	Posicionamento político	
					Engajado/a?	Alinhamento
Folião Novato 1	21	Engenharia de Produção	UFRGS	Branco	Não	Não tem
Foliã Novata 2	23	Medicina Veterinária	UFRGS	Branca	Sim	Esquerda
Folião Novato 3	25	Jornalismo	PUCRS	Branco	Sim	Esquerda
Foliã Iniciada 1	26	Publicidade	Uniritter	Preta	Sim	Esquerda
Foliã Iniciada 2	25	Direito	PUCRS	Branca	Sim	Esquerda
Folião Iniciado 3	26	Física	UFRGS	Branco	Não	Esquerda

¹⁵ Nos quadros deste trabalho, as linhas são divididas em 3 grupos por cores. As amarelas representam os Foliões Novatos e o ano de 2023; vermelhas, os Foliões Iniciados e anos de 2019 e 2020; e azuis, Foliões Veteranos e entre os anos de 2012 e 2018. A partir desse ponto, serão usadas também abreviações dos entrevistados, obedecendo a primeira letra de cada termo e o número correspondente, como por exemplo: Folião Novato 1 = FN1.

Foliã Veterana 1	30	Moda	Uniritter	Parda	Sim	Esquerda
Foliã Veterana 2	25	Relações Internacionais	Unisinos	Branca	Sim	Esquerda
Foliã Veterana 3	29	Relações Públicas	PUCRS	Branca	Sim	Esquerda

Fonte: elaborado pela autora.

O quadro 1 apresenta somente o perfil dos entrevistados e não dos foliões em geral, uma vez que ele já conta com limitações de perfil estipuladas pelos requisitos dos entrevistados, mas ele confirma o achado da observação participante sobre o perfil do folião na questão racial. Para me aprofundar na ideia de quem seria esse público que acompanha o Bloco, uma das perguntas do roteiro pedia para que o entrevistado descrevesse como é o perfil do folião. Dos nove informantes, oito iniciaram a resposta à questão falando sobre a diversidade do público, destacando como é difícil pensar em um perfil único para descrever.

No quesito visível pela aparência, muitos confirmam o observado sobre a variedade de idades, que há muitos idosos e crianças, mas ressaltam a predominância dos jovens entre 18 e 30 anos. As foliãs veteranas 1 e 2 falam também sobre como perceberam, ao longo do passar dos anos, uma mudança no público frequentador, de antes ser um perfil mais nichado e alternativo (descrito pela Foliã Veterana 1 como o “*estereótipo do pessoal das artes e teatro*”) para algo mais amplo, embranquecido e elitizado, e atribuem essa mudança ao crescimento do Bloco, especialmente sua participação shows pagos. A elitização e embranquecimento do público foi percebida pelas três foliãs veteranas, além do Folião Iniciado 3. Contrastando, a Foliã Novata 2, descreve o perfil predominante do público do Bloco da Laje hoje ainda como alternativo. No entanto, ao pedir para elaborar, ela destaca ser algo mais âmbito comportamental do que em características visíveis, citando como exemplo o “*homem hétero que se maquia e coloca glitter para se integrar, se permite fazer algo diferente [mais performático] para [frequentar] o Bloco, que não iria fazer em outro tipo de rolê*” (FN2). Enquanto o público do Bloco da Laje varia muito em suas características de perfil, no âmbito de suas manifestações e comportamentos, apresentam padrões mais reconhecíveis, que exploro na sequência.

5.2.2 Comportamento (político) dos foliões

A maioria de foliões do Bloco da Laje, reforçado pelos perfis de entrevistados no quadro 1, aparenta ter um alinhamento político com a esquerda (oito de nove entrevistados), se colocando como oposição ao governo de 2019 a 2022 e em apoio ao atual presidente do país. Na observação participante, foi registrado esse posicionamento pela presença de

símbolos nos foliões, como adesivos de campanha do Partido dos Trabalhadores (PT), bonés do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MTST), bandeiras de apoio ao Lula (figura 4), adesivos e bottons de “Ele Não” e “Fora Bolsonaro”, entre outros. O engajamento político também foi demonstrado via ações dos foliões, cantando junto o *jingle* do Lula nos ensaios, com gritos de guerra de “Fora Bolsonaro” e “Sem anistia”. Confirmando esse achado da observação participante, os informantes, nas entrevistas, ao serem questionados se percebem manifestações políticas, sociais e/ou culturais partindo dos foliões do Bloco, respondem positivamente, indicando exemplos, como os observados, e ressaltando o alinhamento do público às pautas sociais defendidas pela esquerda. É possível também somar a reflexão de que os ensaios foram realizados no ano eleitoral, e a saída oficial no primeiro trimestre do terceiro mandato do governo Lula, o que pode ter também potencializado o uso estético político nas saídas do bloco, considerando sua efervescência em debate.

Figura 4 - Mãe e filha portando bandeiras do Lula em ensaio aberto em outubro de 2022



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Para além do quesito de manifestação sociopolítica, quando solicitado para descrever o perfil do folião do Bloco da Laje, foi consenso, entre os nove entrevistados, que o perfil principal é comportamental, de um público engajado, que quer participar do carnaval e se dedica ao Bloco. Os exemplos citados desse engajamento nas entrevistas são a utilização das cores primárias em roupas, fantasias e purpurina, nos ensaios e saídas; chegar cedo e

participar de todo evento e a dedicação para aprender as coreografias e músicas. Esse último exemplo foi registrado durante observação participante quando, em um dos primeiros ensaios para a 10ª saída do Bloco da Laje, quase que integralmente todo o público presente cantava junto e fazia os gestos e coreografias das músicas. Na figura 5, um registro dos foliões sincronizados “tirando Jesus da cruz”, durante a música "Pregadão". Não houve necessidade do Bloco pedir para fazerem a coreografia junto: os foliões prontamente participaram já conhecendo o ritual da música e fazendo o gesto na direção do brincante caracterizado de Jesus para puxá-lo. Da mesma forma, não há necessidade do Bloco, atualmente, pedir para os foliões vestirem suas cores. É algo intrínseco a seus frequentadores e repassado no boca a boca, como explica Belart (2021) ao falar sobre regras que são criadas dentro dos blocos de rua.

Figura 5 - Foliões sincronizados dançando a Pregadão em ensaio aberto na Redenção



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Outra característica comportamental do público que foi apontada por todos entrevistados é que os foliões são pessoas que vão para brincar e se divertir, colocando julgamentos e preocupações de lado, enquanto se encontram com outros que têm o mesmo desejo de pular o carnaval. Na letra da música “Lá vem gente”, autoral do Bloco, temos um vislumbre desse perfil, quando falam “Lá vem gente vindo/ Colorindo a rua / Fantasia, só se quer brincar / Só se quer pular / Só se quer achar-se na multidão” (AMARO, 2020). A Foliã Veterana 3 explica o fenômeno da liberdade de se permitir brincar de forma individual e,

também, com o outro (mesmo que o outro, que compõe o imenso público frequentador, seja um desconhecido), ao dizer que “[O Bloco] é muito gostoso, muito dançante [...] tu vai te contagiar com a energia dos outros para se sentir livre [...] à vontade para brincar, dançar e abraçar quem tu nem conhece!” (FV3).

O público engajado, tanto na festa de carnaval quanto nos rituais específicos do Bloco e nos valores políticos que compartilham com os coletivos que frequentam, é uma das características do carnaval de rua apontada por Belart (2021), e essa participação pública é o que torna a festa real e validada (RISKALLA, 2016). As trocas entre foliões e entre Bloco e público criam um ambiente convidativo, acolhedor e que permite as manifestações, em todas as instâncias, dos participantes. Assim, reconhecendo a importância da participação do público, inicio o próximo item falando sobre a introdução do Bloco da Laje para seus foliões

5.2.3 Primeiro contato com o Bloco

A música “Recanto Africano”, de autoria do Bloco da Laje, descreve como costuma ser o primeiro contato do folião com o Bloco, com “Domingo de manhã / Eu vou para a Redenção / Ensaiar *pro* meu Bloco sair mais um ano” (FALCÃO; LÁZERI, 2019). Na minha experiência como brincante do carnaval de Porto Alegre e folião do Bloco da Laje há anos, eu já fiz o papel de levar pessoas para um ensaio aberto para conhecer o coletivo. Durante o período da observação participante, estive em grupos com foliões que tiveram novatos tendo seu primeiro contato com o Bloco nessa situação. A fim de entender como ocorre essa iniciação ao Bloco da Laje, perguntei aos foliões entrevistados sobre como conheceram o Bloco, qual foi sua primeira participação e se, além das saídas, frequentam ensaios e shows. Para os entrevistados veteranos e iniciados, também perguntei se hoje, depois de já terem vivido, no mínimo, três saídas, se eles exercem esse papel de introduzir o Bloco a novas pessoas, e todos indicaram que sim. Para dois terços dos entrevistados, o primeiro contato com qualquer evento do Bloco foi direto uma saída, sem introdução prévia pelos ensaios; nesse quesito, não houve diferença em relação à época que começaram a frequentar, já que, nos três perfis, isso foi uma realidade para duas das três pessoas. As respostas às demais perguntas foram compiladas no quadro 2.

Quadro 2 - Apresentação ao Bloco da Laje

Entrevistados	Como conheceu?	Hoje apresenta o Bloco para outros?	Vai nos ensaios e shows?
Folião Novato 1	Boca a boca	-	Nunca foi
Foliã Novata 2	Amigos	-	Ensaio
Folião Novato 3	Redes sociais	-	Nunca foi
Foliã Iniciada 1	Estudava próximo à Redenção	Sim	Ensaio
Foliã Iniciada 2	Amigo	Sim	Um ensaio
Folião Iniciado 3	Boca a boca	Sim	Nunca foi
Foliã Veterana 1	Amiga	Sim	Ensaio e shows. Antes mais, hoje poucos
Foliã Veterana 2	Amiga	Sim	Diversos ensaios e dois shows
Foliã Veterana 3	Amiga	Sim	Show e poucos ensaios

Fonte: elaborado pela autora.

A maioria dos entrevistados foi apresentada ao Bloco da Laje por amigos que já o conheciam; outros três descobriram o Bloco por ouvir sobre em rodas de conversa, na universidade ou pelas redes sociais; e uma descobriu por acaso, pois estudava próximo ao Parque Farroupilha e um dia viu o Bloco ensaiando. Em relação a frequentar eventos do Bloco além da saída, foi percebido que o engajamento com o coletivo, como esperado, é maior entre foliões que o conhecem há mais tempo. Entre as foliãs veteranas, todas já frequentaram shows, incluindo festivais de música fora de Porto Alegre, além dos ensaios. No entanto, as três destacaram que costumavam ir a mais ensaios antes e, hoje em dia, por trabalho, deslocamento e outras ocupações, acabaram diminuindo a frequência, e relatam, de forma geral, que preferem priorizar sua organização para garantir que conseguirão ir à saída. Entre os iniciados, é possível perceber uma diminuição na assiduidade dos ensaios. A Foliã Iniciada 1 já frequentou diversos ensaios desde 2019; enquanto a Iniciada 2 só conseguiu ir em um, em 2022; e o 3, apesar de ser familiarizado com o Bloco desde 2019, nunca foi em nada além da saída. Finalizando, os foliões novatos, somente um dos entrevistados já frequentou ensaios antes de ir na saída, com o primeiro contato dos outros sendo já no Carnaval da Revanche.

No quadro 3 apresento a relação entre o local da saída do Bloco da Laje e o ano que ela ocorreu. Considerando que os achados sobre a introdução dos foliões ao Bloco e as suas experiências nas saídas tiveram, em diversos momentos, apontamentos em relação ao lugar

que ocorreram, fez-se necessário conhecer o histórico. A inferência que se faz, comparando-as, é como o Bloco buscou sempre pontos “clássicos” de Porto Alegre e sua expansão foi, aos poucos, limitando os locais que poderia ocupar. Entre 2012 e 2019, com exceção da saída na Orla do Guaíba, todas ocorreram em locais majoritariamente residenciais, em ruas relativamente estreitas, que promoviam o contato entre coletivo, foliões e vizinhanças (tanto os vizinhos, pessoas, como o que aquele local físico tinha). Essa relação com a vizinhança é abordada no item 5.2.5.2.

Quadro 3 - Relação entre saídas e locais

Ano	Local da Saída
2012	Cidade Baixa
2013	Cidade Baixa
2014	Orla do Guaíba
2015	Centro Histórico
2016	Centro Histórico
2017	Zona Sul
2018	IAPI
2019	Bom Fim
2020	Praça dos Açorianos
2023	Orla do Guaíba

Fonte: elaborado pela autora.

Conhecendo o histórico do Bloco, apresento as experiências dos entrevistados com as saídas (quadro 4). A primeira conclusão que podemos tirar é em relação à idade que os foliões começaram a frequentar as saídas, com a média sendo de 22,2 anos. Quando questionados sobre os rituais que possuem pré-saídas, fica visível que, os que frequentam há mais tempo, costumam se envolver mais. Por rituais, entendo a preparação de fantasias, buscar roupas e acessórios nas cores do Bloco em lojas, combinar com amigos encontros para elaboração das roupas ou para se reunir antes de ir para o ponto de encontro, entre outros. Entre os foliões novatos, o Folião Novato 3 se destaca como o único que fez um ritual específico ao Bloco da Laje, recordando que comprou roupas nas cores do Bloco na semana que antecedeu a saída. A Foliã Novata 2 comenta que se encontrou com amigos antes para não ir sozinha, um ritual que faz para outras festas e não exclusivo ao Bloco da Laje ou ao carnaval de rua.

Quadro 4 - Saídas que os entrevistados participaram

Entrevistados	Idade na primeira saída	Quais saídas participou?	Qual a favorita e por que?	Rituais pré-saída?
Folião Novato 1	21	2023	-	Não tem
Foliã Novata 2	23	2023	-	Encontrar amigos
Folião Novato 3	25	2023	-	Roupas nas cores
Foliã Iniciada 1	22	2020, 2023	2023 - Público	Não tem
Foliã Iniciada 2	22	2020, 2023	2023 - Sentimento de pertencimento	Roupas nas cores
Folião Iniciado 3	22	2019, 2020, 2023	2023 - Estrutura	Roupas nas cores e encontrar amigos
Foliã Veterana 1	24	2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2023	2019 - Local e sentimento de se permitir	Encontrar amigos, maquiagens, fantasias, comprar acessórios. Nas primeiras mais do que hoje em dia
Foliã Veterana 2	20	2017, 2018, 2019, 2020, 2023	2019 - Local e comemoração de aniversário	Roupas nas cores ou fantasia, encontra amigos, chegar cedo para concentração, banho antes do Bloco
Foliã Veterana 3	21	2015, 2019, 2020, 2023	2015 - Local e encantamento com performances	Encontrar amigos, roupas nas cores, fantasias, maquiagens, semana de organização prévia, chegar cedo para concentração

Fonte: elaborado pela autora.

A saída de um carnaval de rua envolve rituais, tanto por parte dos blocos quanto dos foliões. Respectivamente, blocos ensaiam, preparam abadás, coreografias, letras e criam o sentimento de expectativa e antecipação para o público, inclusive usando de estratégias de engajamento como a divulgação do local só no dia anterior da saída, como relata Belart (2021); já os foliões preparam suas fantasias, com amigos ou sozinhos e organizam como irão para a concentração. Esses rituais fazem parte de todo processo de uma saída e da construção do imaginário e impacto para além do evento dos blocos de rua. Como aponta a Foliã Veterana 1, “*O antes do evento já é um evento*”. No quadro 4, podemos ver que os foliões iniciados já possuem mais rituais, mas, mais do que isso, ao serem questionados sobre suas preparações antes da saída, os três indicam que, nas próximas edições, têm desejo de ter mais. Para a Foliã Iniciada 1 e 2, significa fazer fantasias e se reunir com amigos antes de ir. Para o Folião Iniciado 3, ter mais rituais é se organizar melhor para ir mais cedo e aproveitar a saída em sua integridade, coisa que conseguiu fazer pela primeira vez em 2023, e pretende manter

para os próximos. Já, entre as foliãs veteranas, podemos ver que, não só elas têm rituais mais completos que dizem respeito à festa em si (fantasias, encontrar amigos, chegar cedo, entre outros), mas às suas experiências pessoais também. A Foliã Veterana 2 comenta que um ritual que ela tem antes de toda saída é tomar banho, pois gosta “*de ir para a saída do Bloco da Laje limpa e me sentindo renovada, como se chegasse lá para pegar energia [do Bloco] e com a cabeça leve*” (FV2).

Esse nível de pessoalidade atribuída às saídas aparece nas respostas das foliãs veteranas à pergunta de qual foi a saída favorita delas. A Foliã Veterana 1 indica a de 2019, por ter sido uma que ela se permitiu brincar e ser livre com seu corpo; a 2 destacou a mesma, pois comemorou seu aniversário lá; e, a Veterana 3, apesar de ter apontado a de 2015 como sua favorita, curiosamente, também comenta que a de 2019 se destacou muito por ter sido quando foi pedida em namoro. As três veteranas dão destaque particular para as experiências de nível íntimo e privado que tiveram nas saídas, além de indicarem que os locais são fatores importantes quando pensam nos destaques. Por exemplo, falam muito sobre a questão da vizinhança do Bom Fim ter participado em 2019 e do encerramento ter sido no Recanto Africano, local tão importante para o coletivo.

Os foliões novatos, por terem vivido sua primeira saída, não foram questionados sobre qual seria sua favorita, uma vez que não aplicaria, mas destacaram o que chamou atenção neles na de 2023. Todos foram muito objetivos e falaram do calor e da dimensão do Bloco. Os foliões iniciados abrangeram tanto aspectos práticos da saída quanto subjetivos ao falarem dos destaques de sua saída favorita, como, respectivamente, a escolha do lugar e estrutura e o sentimento de pertencimento. A Foliã Iniciada 2 relata que, como dessa vez ela “*sabia o que esperar [da saída do Bloco], fui com menos receios e questionamentos, e me senti mais pertencente*” (FI2). Com base nesse depoimento, é possível inferir que os três foliões iniciados escolheram as saídas de 2023 como as que mais se destacaram em suas experiências talvez por terem a aproveitado mais, pois o fator “choque” já havia passado e sabiam como se portar e como funciona a lógica de uma saída. Pode-se considerar que existe um aprendizado sobre a saída, permitindo que se aumente tanto a carga emocional sobre o que o Bloco da Laje significa, quanto a criticidade do folião sobre o coletivo. A ideia ganha força quando percebemos que também surge padrão semelhante entre as veteranas, quando duas dizem que sua saída favorita não é a sua primeira. Portanto, há um aprendizado no consumo dessa manifestação cultural, que se torna naturalizada à medida em que o tempo e vínculo se

qualificam. A exceção, Foliã Veterana 3, relata, especificamente, que o “choque” ou impacto em sua primeira saída, com a performance de “Pregadão” em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, foi o que a encantou, mas que (reforçando a inferência de mais tempo no Bloco agir como um processo de apreensão dele), na saída seguinte que foi, em 2019, se sentia mais pertencente e, em 2020, foi a que foi mais caracterizada.

Ao entender como o Bloco foi introduzido e apropriado por seus foliões, no meu recorte de entrevistados, passo então para como eles percebem a “instituição” Bloco da Laje.

5.2.4 Percepção do Bloco

DaMatta (1997), ao descrever os blocos como acontecimentos avassaladores e poderosos, os coloca numa posição de criar impactos e imagens duradouras. Com o Bloco da Laje destacando suas principais características a teatralização, musicalidade e visualidade (especialmente representado pelas suas cores), que visa redesenhar os espaços da cidade e ressignificar a ideia de brincadeira com manifestações em composições (RISKALLA, 2016), era do interesse deste trabalho entender se isso era somente um desejo interno sobre as características e constituição do Bloco, ou se era transmitido e percebido pelo público externo. Como cada folião tem processos internos diferentes de apropriação dos coletivos (DAUN E LORENA, 2019) e, retomando os achados apresentados no item anterior de que existe um processo de aprendizado em relação ao tempo e às vivências e percepções com o coletivo, busquei entender o que os foliões associam ao Bloco (quadro 5).

Quadro 5 - Características percebidas do Bloco da Laje pelos entrevistados

Entrevistados	Primeira palavra que associa	Até 5 conceitos que associa	O que mais chama atenção
Folião Novato 1	Diversão	Calor Humano; Cena porto-alegrense; Bairrismo; Musicalidade; Interação	Organização do Bloco e engajamento dos foliões
Foliã Novata 2	Cores primárias	Alegria; Carnaval; Brilho; Amigos	Proposta do Bloco e quantos foliões tem engajados
Folião Novato 3	Carnaval	Samba; Diversidade; Cultura	Engajamento dos foliões
Foliã Iniciada 1	Diversidade	Carnaval; Liberdade; Político; Diversão	Acolhimento de todos pelo Bloco
Foliã Iniciada 2	Diversão	Acolhimento; Integração; Alegria; Família	Abre portas para a nova geração de foliões conhecer o carnaval de rua

			da cidade
Folião Iniciado 3	Festa Popular	Cores primárias; Feliz; Popular	Ser o único evento de rua que é grande e reflete a cultura popular
Foliã Veterana 1	Saída	Diversão; Não julgamento; Liberdade; Inocência lúdica; Cores primárias	Sensação de liberdade e a consciência e responsabilidade do Bloco
Foliã Veterana 2	Batuque	Carnaval; Diversidade; Alegria; Cores primárias; Encontros	Os brincantes e os foliões em geral
Foliã Veterana 3	Ato Político	Política; Liberdade; Diversidade; Brincadeira	Espaço para brincar e se libertar com respeito a todos

Fonte: elaborado pela autora.

Entre a primeira palavra associada ao Bloco e os cinco conceitos escolhidos para defini-lo (quadro 5), foi possível perceber que alguns se repetiam, formando cinco principais núcleos de aglomeração, representados na figura 6, uma nuvem de palavras elaborada com os termos que apareceram nas entrevistas. Importante destacar que, quando um termo se repetia entre a primeira palavra associada e nos cinco conceitos do mesmo entrevistado, ele foi omitido do quadro de respostas na coluna de cinco conceitos e não foi considerada a resposta dobrada na elaboração da nuvem. No primeiro eixo se destacam as palavras relacionadas diretamente às **festividades de carnaval**, que tem oito respostas que o formam: “carnaval”, que aparece em quatro respostas, em conjunto com os termos “saída”, “batuque”, “festa popular” e “samba”, que aparecem cada um uma vez. O segundo núcleo é o que faz relação à **diversidade do Bloco da Laje**, com dez termos relacionados: a palavra “diversidade”, com quatro aparições; “liberdade”, três vezes, “não julgamento”, “acolhimento” e “popular”, uma vez cada. O terceiro núcleo é o de palavras associadas à **diversão**, com cinco respostas relacionadas: o termo “diversão” aparece em três respostas; “brincadeira” e “inocência lúdica” cada uma, uma vez. O quarto núcleo é as **cores do Bloco da Laje**, que aparecem em 4 respostas. O quinto é o de palavras associadas à **felicidade**, com “alegria” com três aparições e “feliz” com uma. Além desses cinco principais núcleos, outros temas foram recorrentes, como o da presença do público (“calor humano”, “integração”, “interação”, “amigos”, “encontros” e “família”) e política (“política”, “ato político”, “popular” e “político”).

Figura 6 - Nuvem de palavras com termos do quadro 5



Fonte: elaborado pela autora.

A partir das respostas, é possível perceber que existem diferentes graus de percepção e identificação do Bloco da Laje com os perfis distintos de foliões. Os novatos destacam muito as questões ligadas à festa de rua e o carnaval de Porto Alegre de maneira mais ampla, menos específica ao Bloco da Laje. Já os foliões iniciados destacam conceitos que se aplicam diretamente à forma do Bloco festejar. Por último, as veteranas destacam não só as características da festa do Bloco da Laje, mas os sentimentos e sensações que àquela festa específica desperta aos foliões, como a inocência lúdica, vontade de se unir a brincadeira, liberdade de se expressar com o corpo e os encontros que ele proporciona entre pessoas com mesmas intenções e valores.

Apesar dos diferentes níveis de aprofundamento nas questões particulares ao Bloco variando conforme o perfil de folião, de forma geral, o Bloco da Laje é associado ao carnaval pela maioria dos entrevistados, sendo apresentado até mesmo como o maior bloco do carnaval de Porto Alegre ou o grande representante do carnaval da cidade. No entanto, o Folião Iniciado 3 não considera, necessariamente, o Bloco da Laje como carnaval de Porto Alegre. Ele descreve-o como um *“produto cultural carnavalesco, mas distante do carnaval não só pela data das saídas, no início de janeiro, como também pelo que ele se tornou com seu crescimento [...] é um rolê a parte do carnaval, e não só pela data.”* (F13). Essa percepção está de acordo os dados de descrição do Bloco encontrados por Riskalla (2016)

O Bloco da Laje se vale do conceito da antropofagia para constituir sua linguagem, resultando em um grupo cênico/musical/carnavalizado, ou um bloco teatralizado,

autoral, inspirado na cultura popular na composição de seus jogos e canções. Tal formação permite a formulação de um produto cultural híbrido, que transita em diferentes segmentos da cultura (BLOCO DA LAJE, [s.d]¹⁶, apud RISKALLA, 2016)

No quadro 5, também apresento, de forma objetiva, o que chama mais atenção no Bloco para cada folião entrevistado. Cinco dos nove entrevistados falam sobre os foliões de modo geral, quantas pessoas se engajam e se envolvem com o Bloco, abraçando o seu conceito. Quatro falam sobre sua proposta, de ser um carnaval de rua popular e diferente de outros, organizado, fiel ao seu propósito e acolhedor aos novos foliões. Por último, duas entrevistadas relatam que o que mais chama sua atenção é que é um espaço de liberdade e respeito.

Foi pedido aos entrevistados contarem como eles apresentariam o Bloco para alguém que não o conheça. Chamou atenção que todos foliões iniciados e veteranos comentaram, antes de iniciar suas respostas, que já utilizaram essa descrição para convidar amigos aos ensaios do Bloco, convencê-los a ir numa saída ou falando sobre o carnaval de Porto Alegre para pessoas de fora. Percebe-se um padrão nas respostas em relação aos perfis, assim como ocorre nos termos associados, os novatos falam sobre ser divertido, eclético, um rolê de rua com muita gente e o maior carnaval de Porto Alegre, coisas, de certo modo, práticas e não muito aprofundadas nas particularidades do Bloco da Laje. Já os iniciados e veteranas falam sobre se sentir bem no Bloco, sobre serem bem recebidos, um evento popular e uma festa que ninguém quer briga, só se divertir e brincar - abordam uma perspectiva mais exclusiva ao Bloco, sobre o comportamento de quem o frequenta. É também nesse momento que começa a se perceber que, apesar da apreciação demonstrada pelos foliões pelo Bloco da Laje, a intimidade e o tempo de convivência com o coletivo também proporcionam a eles maior criticidade, ideia que aprofundo no próximo item ao falar das manifestações.

Relacionando com a teoria apresentada nos primeiros capítulos, a forma como o Bloco é apresentado pelos foliões reflete as etapas do processo de sua identificação com o coletivo. Mais tempo e proximidade com o coletivo propõem trocas e negociações entre eles e os foliões, necessárias para as reapropriações e ressignificações das ações e interações do Bloco, como Hall (1997, apud WOODWARD, 2014) propõe ao tratar do processo de formação da identidade cultural. Quanto mais o folião se identificar com o Bloco, mais carga emocional e de experiência pessoal ele vai atribuir, também mais pontos ele vai encontrar de discordância

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/blocodalaje/about_details>. Acesso em 21 mar. 2023.

e diferenciação, pois esse processo de identificação não é só pela semelhança, mas também pela alteridade (HALL, 2015).

5.2.5 Como o Bloco se manifesta

O carnaval, posto por Daun e Lorena (2019), como uma válvula de escape da sociedade, é um momento que a população pode se manifestar de uma forma mais leve e que consegue atingir mais pessoas que um protesto normal, criando espaços na cidade que representem melhor quem são e o que acreditam (BELART, 2012), uma definição do carnaval de rua como espaço de manifestação com potencial para grande e duradouro impacto, apresentada no capítulo 4 deste trabalho. O Bloco da Laje se alinha com essa noção, se colocando oposto à massificação da cultura de carnaval de rua, governos de extrema-direita e a favor das questões sociais de minorias, direitos humanos, ocupação da rua e democratização do acesso à cultura e a festa (RISKALLA, 2016). No entanto, esse é o posicionamento do coletivo descrito pelo próprio Bloco da Laje, então, busquei entender se essa posição é, de fato, transmitida aos foliões, e como eles interpretam as manifestações percebidas.

Na observação participante, foi possível perceber que existe uma predileção dos foliões e dos membros do Bloco da Laje por questões ideológicas que se alinham à esquerda e partidos como PT e Psol. Essa tendência foi observada, principalmente, no Baile de Primavera, Carninverno e nos ensaios de outubro e novembro, que ocorreram, no período pré-campanha eleitoral, entre turnos das eleições de 2022 e após segundo turno. No ensaio do dia 16 de outubro de 2022, o primeiro aberto para a 10ª saída do Bloco da Laje, o vermelho se destacou nas cores do Bloco entre os lajudos e bateria, somados às bandeiras e adesivos de apoio ao então candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva. Entre as marchinhas e músicas autorais do Bloco, o *jingle* de campanha do Lula e berros de “Fora Bolsonaro” também estiveram presentes em todo intervalo entre músicas do Bloco. Com a vitória do presidente Lula, no segundo turno, em 30 de outubro, houve uma mudança na forma de se manifestar percebidas.

O discurso do Bloco, feito muitas vezes no início dos ensaios ou entre músicas, passa a carregar uma mensagem geral mais forte em tons de comemoração e ares de transformação, ainda mantendo-se firme no seu posicionamento de exigir que essa mudança reflita em outras esferas públicas além do governo federal. A cobrança por expressar cultura, afeto, ocupar

espaços públicos e não aceitar discriminações, fascismo, machismo e LGBTQIA+fobia seguiu presente nas falas do Bloco após as eleições, mas o tom muda de medo do que pode vir (no caso de uma reeleição de Jair Bolsonaro na presidência), para a esperança de melhora. Com o presidente Lula eleito, o número de adesivos, bottons, bonés e bandeiras de campanhas eleitorais e a favor de partidos específicos diminuí, perdendo o protagonismo para manifestações de outras causas, como a LGBTQIA+, o MTST, contra o projeto de privatização da Redenção, contra racismo, do movimento Não é Não¹⁷, entre outras.

Os entrevistados, quando questionados se percebem o Bloco da Laje, como coletivo, se manifestar nos âmbitos sociais, culturais ou políticos, indicaram unanimemente que sim e que alinhado às pautas de esquerda. O Folião Novato 1 inclusive ressalta que essas manifestações e tendências estão presentes no Bloco da Laje *“porque o carnaval é político por si só. [O Bloco da Laje] se alinha com a esquerda, como todas as ações artísticas, porque elas todas têm um viés naturalmente político”* (FN1). A Foliã Iniciada 2 responde de forma semelhante e, ao falar do carnaval de rua, entra em acordo com a ideia de Barros (2021) de que a ocupação da rua no carnaval é uma prática pública de direito e tomada da cidade ao falar que *“Pular carnaval na rua é um ato político. O Bloco todo é político. Eu vejo o carnaval [de rua] como uma festa para todos os grupos”* (FI2). No quadro 6, exponho as manifestações do Bloco vivenciadas pelos entrevistados, se percebem elas como algo positivo, indiferente ou negativo, e quais os principais temas abordados nelas.

Quadro 6 - Manifestações do Bloco da Laje

Entrevistados	Manifestações do Bloco	Percebe como...	Principais temas
Folião Novato 1	Performance de Pregadão; Ocupar a cidade	Positivo	Religião; Sexualidade; Racismo; Liberdade [do corpo]
Foliã Novata 2	Ocupar a cidade; Acolhimento	Positivo	Resistência; Ocupação da rua; Diversidade; Liberdade [de expressão]; Liberdade [de manifestação]
Folião Novato 3	Saudação "Evoé"; Organização do Bloco; Posicionamentos	Positivo	Política ; Religião
Foliã Iniciada 1	Ocupar a cidade; Organização do Bloco; Posicionamentos; Gritos de guerra	Positivo	Diversidade; Liberdade [de manifestação] ; Comemoração

¹⁷ Coletivo feminista que milita por uma política humanizada de defesa, proteção e cuidado das mulheres, contra o assédio e pelo empoderamento feminino.

Foliã Iniciada 2	Ocupar a cidade; Acolhimento; Performance de Pregação; Gritos de guerra	Positivo	Liberdade [de manifestação]; Religião; Política
Folião Iniciado 3	Gritos de guerra; Posicionamentos; Performances e músicas	Indiferente-positivo	Liberdade [do corpo]; Liberdade [de manifestação]; Feminismo; Política
Foliã Veterana 1	Performances e músicas; Ocupar a cidade; Acolhimento; Posicionamentos	Positivo	Sexualidade; Liberdade [do corpo]; Liberdade [de expressão]; Racismo
Foliã Veterana 2	Gritos de guerra; Posicionamentos; Performances e músicas	Positivo	Cultura; Política; Sexualidade
Foliã Veterana 3	Performances e músicas; Posicionamentos; Acolhimento	Muito positivo	Feminismo; Sexualidade; Religião; Política; Liberdade [de expressão]; Liberdade [de manifestação]

Fonte: elaborado pela autora.

Todos entrevistados enxergam as manifestações pelo Bloco como positivas, mas com intensidades diferentes, variando do indiferente-positivo ao muito positivo. Numa das pontas do espectro, está o Folião Iniciado 3, que relata que “*Falar a posição e se manifestar é importante, mas é o mínimo que precisa ter para eu frequentar [um lugar], saber que o rolê não é tóxico*” (FI3), e complementa

Enquanto acho muito legal gritar Sem Anistia, é a mesma coisa que virou o Fora Temer, Fora Bolsonaro e Ele Não, né? São [gritos] vazios.[...] Tá longe de um movimento político ou as questões políticas estarem acima do que é o Bloco da Laje, as questões políticas compõem ele, mas não é um movimento político ou sua matriz. E não é errado, dá pra só curtir por curtir, ser só festa. [...] Mas tá ali, e têm bastante manifestações, nos berros e músicas. (FI3)

Já para a Foliã Veterana 3, as manifestações políticas do Bloco da Laje são muito positivas, pois elas “*são maneiras de extravasar os sentimentos e também de sentir que não tá sozinho e tem uma multidão de gente que compartilha isso*” (FV3). Essa ideia de que é positivo por ser algo que permite a identificação dos públicos com o coletivo e a aproximação deles, que causa o sentimento de pertencimento e acolhimento, é compartilhada por outros cinco entrevistados também.

As principais temáticas das manifestações do Bloco identificadas pelos entrevistados foram **liberdade de manifestação** e **política**, com cinco menções cada; **religião** e **sexualidade**, citadas quatro vezes; **liberdade de expressão** e **do corpo**, três vezes; **racismo**, **diversidade** e **feminismo**, duas vezes. Além dessas, a ocupação da cidade, resistência, comemoração e cultura também foram mencionadas, uma vez cada. Foi importante, para fins de clareza da análise, separar a ideia de liberdade em três tipos, conforme os entrevistados

elaboraram suas respostas. Assim, se chegou nas três noções distintas de liberdade presentes, a) a de manifestação, no sentido de poder expor sua opinião sobre política, causas sociais, cultura e religião sem medo de retaliação; b) a de expressão, no sentido de poder brincar, interagir e se expressar teatralmente ou de forma lúdica sem julgamento; e c) a do corpo, que diz respeito a questão do corpo livre, do movimento, de que poucas roupas e danças não são um convite ou consentimento, e que o corpo por si só não deve ser sexualizado. Essas temáticas estão de acordo com o que Belart (2021) expõe ao falar das principais bandeiras levantadas pelos Blocos de Rua, apresentadas no capítulo 4.

Os entrevistados, quando questionados quais manifestações iniciadas pelo Bloco da Laje vivenciaram, destacaram, principalmente, as performances e músicas e os posicionamentos (via discursos, posts em redes sociais e demonstrado em ações), ambos mencionados por seis entrevistados. Cinco entrevistados citaram a ocupação dos espaços públicos da cidade como forma de manifestação do Bloco, e quatro falam dos gritos de guerra (Fora Temer, Fora Bolsonaro, o *jingle* do Lula, Ele Não e Sem Anistia, foram destacados) e do acolhimento que o Bloco da Laje promove. As respostas se alinham à noção apresentada por Daun e Lorena (2019, p. 60), de que as expressões performativas carnavalescas destacam os contextos históricos, sociais e políticos.

A seguir, trago exemplos específicos dos formatos de manifestações do Bloco da Laje mencionados pelos entrevistados, relacionando-os com as temáticas identificadas.

5.2.5.1 Performances e músicas

Uma das principais formas do Bloco manifestar seus valores e crenças é nas suas músicas autorais, performances e escolha de repertório em geral. É através delas que os principais temas do Bloco da Laje são abordados, é no ritmo delas que a brincadeira se faz e a forma como se difunde a visão do Bloco. Todas as músicas autorais do Bloco da Laje exprimem os valores que ele prega, algumas de forma mais explícita que outras. Para os entrevistados e na observação participante, no entanto, quatro das composições, e suas respectivas performances, se destacaram.

“Pregadão” (MACHADO, *et al.*, 2019) é uma das músicas que faz parte do repertório do Bloco da Laje desde suas origens. A letra dela (apêndice C) inicia com um discurso

apontando que a palavra de amor, de compaixão e respeito, pregada por Jesus, foi deturpada, e agora é utilizada para oprimir. Jesus, como personagem, então fala sobre amar, destruir preconceito e violência, mas lamenta que não pode brincar, pois estaria “pregadão” (crucificado). A música, então, pede para tirar Jesus da cruz, trazê-lo de volta à Terra e a terra, brincando com a ideia de aproximá-lo das pessoas que ocupam o planeta, mas também mais “pé no chão”, desmistificando a ideia de um Jesus branco, homem, cujas palavras de pregação justificariam a discriminação e o ódio. Jesus é mulher e Jesus é negro: ele tem que sair de um espaço do divino inalcançável para estar entre nós, humanos reais, assim poder pregar sua palavra, brincar junto a nós e ao Bloco da Laje.

Na performance, além dos acionamentos já presentes na letra, conta com o(s) personagem(ns) Jesus(es) interagindo entre si e com o público. Tem um Jesus branco, que se despe a cada verso cantado, até mergulhar na plateia para brincar junto dos foliões vestindo só uma sunga (figura 7); mas também um Jesus negro e uma Jesus mulher. Eles dançam juntos, se beijam e beijam outros membros do Bloco da Laje, demonstrando até o afeto romântico e sexual entre pessoas que performam a mesma identidade de gênero, que é tão demonizado pela igreja católica. Todos os seis entrevistados que indicaram performances e músicas como forma de manifestação do Bloco da Laje mencionaram “a música de Jesus”. A letra e performance de “Pregadão” tratam de temáticas como a religião, sexualidade, feminismo, racismo e liberdades de manifestação (na letra) e do corpo (na apresentação). O Folião Novato 1 destaca como a recepção de Pregadão é boa apesar do tema e que, quando figuras religiosas são abordadas, mesmo quando feito em músicas ou fantasias por outros blocos ou escolas de samba, tendem a ter muita repercussão negativa. Já pontua Belart (2021, p. 119), “No Brasil do governo Bolsonaro, que cultua uma ideia restrita de Jesus branco com selo de heteronormatividade e comportado, é de se esperar que tal palavra carnavalesca seja vista como palavrão ou algo negativo”. A performance de “Pregadão” tem uma recepção muito positiva entre seus foliões, até mesmo sendo descrita como “*libertadora, encantadora e incrível [...] um momento de choque e que me apaixonou pelo Bloco*” (FV3).

Figura 7 - Performance de Pregadão na saída de 2023



Fonte: Maí Yandara, 2023.

Citada pelas três foliãs veteranas, “Cordão da Idade Média” (MACHADO; OLIVEIRA, 2017), apresentada na introdução deste trabalho, se destaca em termos de composições autorais do Bloco que carregam uma mensagem de manifestação política direta. Ela aborda as temáticas de religião, sexualidade, feminismo, cultura, política, liberdades de manifestação e de expressão. No ensaio exclusivo para apoiadores que ocorreu em 2023, após a posse do Lula, na performance de Cordão da Idade Média se percebe a mudança de tom, citada anteriormente, no discurso do Bloco. Ao invés de uma letra (apêndice A) que limita (“Chegou o cordão da Idade Média”, “Não pode!” e “Acabou a brincadeira, vai tudo para fogueira”), os membros do Bloco improvisaram ela numa mudança inédita com versos substitutos que expressam alívio e início de tempos mais calmos (“Passou o cordão da Idade Média”, “Ai que bom!” e “Agora é brincadeira, ninguém vai para fogueira”). O cordão físico que, nas performances “normais”, se enrosca numa das cantoras e a prende, nessa é utilizado entre os brincantes como acessório para brincar com os foliões.

Duas outras músicas são citadas pelos entrevistados, “O Que Tu Tem Cidadão” (PAVÃO; MACHADO, 2019) e “Recanto Africano” (FALCÃO; LÁZERI, 2019). Respectivamente, abordam temáticas de cultura, política e liberdade de manifestação; e ocupação da rua, racismo, política, cultura e liberdade de expressão. “O Que Tu Tem Cidadão” ganha destaque pela performance ter como adereços cênicos jornais fictícios cujas manchetes são versos da música (figura 8) que, junto da letra (apêndice D), estimulam uma

reflexão da sociedade como um todo. Por outro lado, “Recanto Africano” (apêndice E) fala dos valores do Bloco, reconhece suas origens, a do carnaval e de toda brincadeira enquanto difunde o amor e a ocupação da rua pela cultura. Na performance da música, os foliões são convidados a se juntar aos brincantes, fazendo a coreografia no meio deles, e derrubando a barreira existente entre o coletivo e o público.

Figura 8 - Performance de O Que Tu Tem Cidadão no Carninverno



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Além das supracitadas, outras músicas performadas pelo Bloco, sejam elas autorais ou não, também podem ser percebidas como formas de manifestação. Entre elas, é possível destacar “Terremoto Clandestino” (LÁZERI, 2021), “Como ‘Vaes’ Você?” (BARROSO; MIRANDA, 1936) e “Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua” (SAMPAIO, 1973).

5.2.5.2 A ocupação da cidade, o acolhimento e a organização

As ações do Bloco e como ele realiza seus eventos, ensaios e saídas é considerada uma das formas de manifestação pelos entrevistados. A ocupação da cidade e dos espaços públicos é promovida pelo Bloco da Laje ao realizar ensaios abertos em praças e parques da cidade, além da saída que ocupa avenidas uma vez por ano. O coletivo se apropria da cidade e cria diálogos com ela, entre a história do terreno e da população e a sua própria. Ele reconhece onde pisa e como o faz.

Na observação participante, pude observar o ensaio do dia 20 de novembro de 2023, o Dia da Consciência Negra e que ocorreu o abraço simbólico do Parque da Redenção, evento que moradores, coletivos e organizações da cidade de Porto Alegre se reuniram no no Parque

Farroupilha, de mãos dadas, para se posicionar contra o projeto que tramitava na câmara de concessão e cercamento do espaço. Neste ensaio, também mencionado pela Foliã Veterana 2 em sua entrevista, o Bloco da Laje fez questão de utilizar seu espaço de performance para discursar sobre a história do carnaval, de Porto Alegre e do próprio parque, e como a população negra é fundamental para elas. Também clamou por mais respeito e igualdade, ansiando pelo fim de um governo cujas ações trouxeram miséria para o povo preto brasileiro e promoveram intolerância religiosa e discriminação. No final, eles ainda convidaram os foliões presentes para se juntarem ao abraço simbólico do espaço. O Bloco utilizou seu momento de ensaio resgatando a cidade e tudo que o cerca para dar luz a valores fundamentais a sua estrutura, assim como a Mangueira (só em diferentes dimensões e formato) em 2019, com o samba-enredo “Histórias Para Ninar Gente Grande”.

O Bloco da Laje é muito ligado a Porto Alegre em geral, e não somente ao Recanto Africano. Os entrevistados, em sua maioria, afirmam que o Bloco da Laje se destaca na cidade como o maior evento ou carnaval de rua, apontam que ele tem, por sua dimensão, potencial de promover ao carnaval da cidade e incentivar o contato de novas gerações com blocos de rua e escolas de samba tradicionais de Porto Alegre, exemplificado em um momento das entrevistas: *“fui introduzida a outros rolês de carnaval de rua graças ao Bloco. Eles uma vez falaram do Turucutá, e aí tive curiosidade e fui atrás”* (FI2). Apesar do que o Bloco da Laje representa à cidade em termos de potencial, ainda é apontado, pela maioria dos entrevistados, que existe uma grande barreira de comunicação entre o poder municipal e o coletivo. Somente um dos entrevistados não sente que existe dificuldade na organização do Bloco com a cidade, inclusive considera que ela é ótima pela forma que as saídas e ensaios acontecem, sempre muito organizados, sem brigas ou lixo. Os demais entrevistados compartilham, em linhas gerais, a ideia de que o Bloco da Laje, em 2023, *“Foi o único bloco que recebeu apoio da prefeitura, mas um apoio ‘daquele jeito’ [...] A prefeitura meio que respeitou ele mais do que outros [blocos], mas obrigada pela iniciativa e pressão do Bloco e dos foliões do que pela boa vontade dela [prefeitura]”* (FI3,). Sobre a dinâmica entre Bloco e Porto Alegre, também é posta como

uma relação baseada na questão de resistência [do Bloco]. De oposição, num sentido bem político do governo e mudanças que estão rolando na cidade, que se incentivam só rolês em ambientes fechados e construções de prédios, [enquanto] o Bloco da Laje é um grupo que reúne muita gente para ocupar a rua e resistir ali no meio, tentando fazer o que sempre fizeram da festa e da cultura. (FN2)

As foliãs veteranas, que sentem que acompanharam de perto a expansão exponencial do Bloco entre 2017 e 2023, afirmam que a relação com o Bloco com a cidade vai além da questão do governo ou do local físico, como o Parque da Redenção, mas que envolve muito a forma como ele se comunica com a vizinhança. Com o crescimento do coletivo e do número de foliões, elas sentem que a interação mais próxima com os vizinhos dos locais das saídas foi limitada, e relacionam isso ao fato da prefeitura, nos últimos anos, ter liberado espaços para saídas que não são majoritariamente residenciais. Ao lembrar o cortejo de 2018, no IAPI, a Foliã Veterana 1 fala sobre a marchinha “Acorda Vizinho”, que o Bloco cantava para anunciar sua chegada nas vizinhanças. Com os versos “Acorda Vizinho / Não vou te incomodar / Eu tô passando aqui / Mas já tô indo pra lá” (BLOCO DA LAJE, [s.d.]), o Bloco resgata a tradição do carnaval dos blocos de rua antigos, que convida os cidadãos “desavisados” a saírem de casa para brincar junto dos foliões e tornar a festa maior (figura 9), integrada à cidade e ao bairro, e esse convite é político também. Para a entrevistada “*É uma forma de ocupar a cidade com responsabilidade, acolhimento e afeto*” (FV1). Podemos relacionar esse resgate a como funcionava o Bloco Chave de Ouro (CAETANO, 2015), numa mistura completa entre foliões, baterias e vizinhança, para garantir a ocupação da cidade pela festa e cultura, mesmo contra instituições de poder opressoras.

Figura 9 - Brincantes interagindo com vizinhança, saída do Bloco da Laje no IAPI, 2018



Fonte: Guilherme Santos, 2018.

O diálogo com a cidade, espaço geográfico e esfera pública, além da atenção de resgatar tradições e acolhimento dos cidadãos nos cortejos são vistas como formas importantes de manifestação do Bloco da Laje. Elas trazem, como principais temáticas, a ocupação da cidade, política, cultura, resistência, liberdade de expressão e comemoração.

5.2.5.3 Os posicionamentos e os gritos de guerra

Como identificado pela observação participante, os gritos de guerra e posicionamentos do Bloco são manifestações bem presentes e percebidas pelos foliões. Muitas vezes, elas ocorrem em sequência. Recorrentemente, neste período observado, especialmente antes das eleições de segundo turno, após um discurso dos membros do Bloco que explicitam os valores que o coletivo prega, se seguia o *jingle* do Lula (figura 10) ou outros gritos de guerra.

Figura 10 - Manifestação dos brincantes do Bloco da Laje no Carniverno



Fonte: Bloco da Laje, 2022.

Nos momentos que se iniciam os gritos, os entrevistados relataram que, na maioria das vezes, não conseguiam reconhecer se quem os puxavam eram os membros do Bloco ou o público, pois os brincantes, a bateria e os cantores, quase em sua totalidade, participavam junto. Essa participação do Bloco e dos foliões reforça o senso de pertencimento e de se estar entre pessoas que compartilham os mesmos valores, o que traz um certo conforto, segurança e liberdade para se manifestar. Uma observação interessante de se destacar é que as foliãs

veteranas, assim como os iniciados, enfatizam esses formatos de manifestação como uma que o público participa massivamente; no entanto, entre os novatos, não há esse consenso. Dois foliões novatos relatam que até percebem o público se manifestando junto, mas pouco e de forma indireta. Esse olhar reforça, novamente, o pressuposto deste trabalho, de que o envolvimento com o Bloco permite que se percebam mais manifestações políticas do coletivo e impacto e engajamento delas para com os foliões. Essas formas de se manifestar englobam, principalmente, os temas de política, resistência e liberdade de manifestação.

Em termos de posicionamentos do Bloco, além dos discursos e manifestações nos ensaios e saídas, as três veteranas e o Folião Iniciado 3, que acompanham o coletivo há mais tempo, também trazem como exemplo as atitudes do Bloco da Laje frente à acusação de assédio a um dos membros dos metais. O Bloco, que prega em todo evento sobre o combate ao assédio e respeito às mulheres, inclusive fazendo parceria para a 10ª saída com a Themis¹⁸, ao saber da situação ocorrida, apurou os fatos e se posicionou nas redes sociais (anexo C), anunciando o afastamento do acusado. Tal atitude é valorada pelos foliões, pois *“mostrou que o Bloco age de acordo com o que prega e não passam pano se algo acontece internamente”* (FV1).

Graças ao posicionamento do Bloco em relação aos direitos da mulher e contra violência sexual e de gênero, podemos fazer uma relação com depoimentos das foliãs veteranas. Todas elas relatam que, ao frequentarem os eventos do Blocos da Laje, foram quebrando amarras e expectativas impostas pela sociedade, especialmente no quesito da liberdade que sentem com o próprio corpo. *“Foi um espaço de libertação para cair a ficha que posso usar o que quiser, que meu corpo é meu e não um convite”* (FV1); a Veterana 2 conta que foi graças ao Bloco que perdeu muito da vergonha e receios e se permitiu começar a dançar em público e se soltar entre desconhecidos; e, por último, a Veterana 3, relata que veio de uma infância e adolescência com construções muito conservadoras do que era papel da mulher e postura esperada que deveria ter, especialmente em manifestações artísticas, mas, no Bloco, percebeu que existiam outras formas de arte e cultura que dialogam mais com o que ela pensava e, a partir daquele momento, começou a estudar sobre feminismo e liberdade feminina, e hoje se sente livre para dançar e brincar. Nesses posicionamentos do Bloco, a partir dos depoimentos, percebe-se muito forte as temáticas de manifestações feministas, políticas, de sexualidade, liberdade do corpo e expressão.

¹⁸ Organização feminista e antirracista que luta pela ampliação do acesso das mulheres à justiça e direitos humanos.

Os depoimentos das foliãs veteranas implicam que elas realizaram um exercício de reflexão sobre suas experiências nos ensaios, shows e saídas do Bloco da Laje ao longo dos anos. A seguir, finalizo esse capítulo de análises trazendo mais reflexões dos entrevistados em relação a como pensam e percebem o Bloco da Laje.

5.2.6 Reflexões sobre o Bloco

Embasada na minha própria experiência como foliã do Bloco da Laje e na forma como minha percepção sobre ele foi mudando nesses anos que eu o frequento, questionei os entrevistados iniciados e veteranos se descreveriam o Bloco, em 2023, da mesma maneira que quando o conheceram. Ao falarem sobre a forma que viam o Bloco antes de vivenciá-lo múltiplas vezes, duas linhas de resposta distintas surgiram. A primeira é que imaginavam o Bloco como só mais um carnaval de rua, que tocava músicas típicas de carnavais pelo Brasil, sem uma organização específica ou um público tão engajado, naquela noção mais espontânea e tumultuosa do carnaval de rua carioca e nordestino (BELART, 2021). A segunda linha, no entanto, é que imaginavam que seria um evento muito nichado para pessoas das artes visuais e dramáticas eruditas e, de forma geral, alternativo. Porém, houve um consenso nas respostas: não esperavam a dimensão do Bloco da Laje, *“Achei que era só um rolê, não tinha ideia da dimensão ou como têm tantas pessoas que são devotas”* (FI3). As veteranas não imaginavam o crescimento exponencial em um curto período de tempo e que o Bloco movimentaria a cidade da forma que movimenta; os iniciados simplesmente não imaginavam que tantas pessoas eram tão engajadas ao Bloco.

Para que fosse possível comparar as primeiras impressões dos iniciados e veteranos, perguntei aos novatos as suas. Resumindo as três respostas, o Bloco os marcou por ser um evento ou coletivo cujos frequentadores são muito envolvidos e receptivos, além de divertido, eclético, com muita gente e muito clássico de Porto Alegre; ou seja, com características que se alinham às respostas de primeiras impressões dos outros dois perfis.

Questionei aos foliões se eles perceberam algum impacto da polarização política ou da pandemia no Bloco da Laje. Enquanto a maioria dos entrevistados atribui a principal mudança na forma como enxerga o Bloco da Laje hoje em dia a questões de nível pessoal (como vivências, estudo, idade e maturidade), oito dos nove entrevistados acreditam que fatores externos ao indivíduo tiveram influência na forma que o Bloco acontece e, por consequência,

na forma que o percebem. As foliãs veteranas, os iniciados e um dos novatos acham que, com a intensificação da polarização política, as pessoas tendem a participar mais ativamente de grupos, eventos e coletivos com quem compartilham valores, seja por segurança ou conforto. Isso explicaria a ideia apresentada no item 5.2.1 e 5.2.2, de que o perfil do folião do Bloco seria, principalmente, alguém com ideais semelhantes ao coletivo. No entanto, a Foliã Veterana 2 acredita que, na expansão do Bloco, houve um movimento na contramão simultaneamente. Com muitas pessoas novas que ainda não percebem a natureza política do Bloco, há foliões com pensamentos opostos ao do coletivo, mas que frequentam ele sem se dar conta dos ideais e *“porque todo mundo vai [...] e porque é um rolê de rua massa com gente bonita, se divertindo e bebendo, e não tem muitos aqui [em Porto Alegre]”* (FV2).

Em relação aos impactos da pandemia, com exceção de um entrevistado, todos acreditam que a Covid-19 e os anos de isolamento influenciaram não só a forma que se deu a 10ª saída do Bloco da Laje, mas qualquer evento que proporcione interação, entretenimento e aglomeração. A mudança principal relacionada à pandemia foi a intensidade das emoções e a quantidade de pessoas presentes nas saídas, pois *“As pessoas estavam esperando isso há muito tempo. Todo mundo estava muito eufórico de poder estar no Bloco da Laje de novo”* (FV3). No entanto, outros impactos foram apontados: pessoas carregando álcool gel; grupos nas extremidades da aglomeração se mantendo mais afastados; piora nas relações e negociações com o governo municipal, resultando em um lugar pouco arborizado e, por consequência, muito quente para a saída; pessoas respeitando mais o espaço da outra desconhecida; e erros de organização do Bloco por falta de alinhamento, atribuídos aos 2 anos sem saída (e todas estruturas que ela envolve), como erro do percurso do trio elétrico.

Para finalizar a coleta, pedi aos entrevistados que pensassem em duas mensagens, uma que gostariam de transmitir para uma versão mais nova deles, antes de ir na sua primeira saída do Bloco da Laje, e uma que gostariam que o Bloco ouvisse (essa segunda apresentada junto às considerações finais). No recado para o seu “eu pré-Bloco da Laje”, foi possível perceber que cada perfil abordou assuntos diferentes. Os foliões novatos deram recados no formato de dicas que não se aplicariam exclusivamente ao contexto do Bloco, mas sim a qualquer festa de rua: *“gastar menos com bebidas antes na concentra e deixar para gastar mais ali [com ambulantes]”* (FN1); *“Pensar em tudo que pode dar errado e te prepara. Leva papel higiênico, sal, spray com água. Vai mais prevenida [para o calor]”* (FN2); e *“Use mais protetor solar”* (FN3, 2023). Os foliões iniciados, por sua vez, já falam sobre seus desejos de

se aprofundarem nos rituais do Bloco da Laje, se dedicarem mais aos preparos de fantasia, irem a mais shows e ensaios antes e, na saída, chegar mais cedo, para aproveitarem todo evento. Esse perfil também expressa, nos seus recados a si mesmo, carinho pelo Bloco, exemplificado nas falas “*Tu não tem noção do quão massa é, aproveita tudo que der*” (FI3) e “*Sempre vai! Não deixa de ir, é bom demais*” (FI1).

Por último, as veteranas dão recados que seriam quase avisos proféticos, tendo em mente suas vivências no Bloco e as mudanças que ele (e elas) passaram em todos esses anos, especialmente sobre como se sentem no Bloco. A Foliã Veterana 1 reporta que sequer sabe se gostaria de dar uma mensagem, inicialmente, porque considera que cada experiência com o Bloco foi um aprendizado, mas, após uma breve reflexão, decidiu que seria “*Relaxa mais. Te permite se divertir, sem julgamentos [prévios]*” (FV1), recado semelhante ao escolhido pela Veterana 3, “*Falaria para a [nome da FV3] de 2015 se permitir, ir e viver e sem pensar no que os outros vão dizer. Seja tu mesma, lá na frente vai valer a pena*” (FV3). A Veterana 2, além de dizer para sua versão mais nova se divertir muito, em especial na saída de 2019, finaliza com “*tu vai curtir muito e ainda tem muito que curtir, segue indo independente do crescimento [do Bloco]*” (FV2).

Essa categoria de reflexões sobre o Bloco da Laje foi fundamental para os entrevistados poderem pensar nas relações que criaram com o Bloco da Laje e fornecerem seus relatos. Na análise, foi uma categoria essencial para averiguar se, de fato, existe uma correlação de como as pessoas percebem o Bloco da Laje (e suas manifestações sociopolíticas) e o período de envolvimento delas com o Bloco; e, claro, refletir, caso a mudança na percepção exista, se ela tem mais a ver com mudanças que o Bloco da Laje, como coletivo, fez, ou só o processo de aprendizado e convivência (inferência já apresentada no item 5.2.3).

Com as seis categorias definidas previamente analisadas e com dados interpretados e cruzamentos com a teoria feitos, finaliza-se este capítulo. No seguinte, retomo as últimas respostas da entrevista, da mensagem que os foliões gostariam de transmitir ao Bloco, como um momento de reflexão sobre o coletivo e introdutório à apresentação de resultados da pesquisa.

6 INIMIGOS DO FIM: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando as apresentações do Bloco da Laje finalizam, quem continua a música e a diversão são os Inimigos do Fim. Formado pelos foliões e membros do Bloco que permanecem no espaço, eles não querem deixar a festa morrer, mas sim estendê-la ao máximo e aproveitar todo seu potencial e engajamento do público. Os Inimigos do Fim aqui servem como uma analogia às considerações finais, e o desejo de estender o trabalho para além da proposta inicial. Os acionamentos feitos na etapa de análise geram novas reflexões e potenciais de investigação; e as respostas aos objetivos e ao problema de pesquisa, apresentadas na sequência, novas questões para possíveis aprofundamento sobre o Bloco da Laje, o carnaval de Porto Alegre e o potencial turístico e econômico de eventos públicos na cidade.

Para dar início ao fim, retomo a questão final da entrevista: se você pudesse dar um recado ao Bloco da Laje, o que você diria? A mensagem geral dos entrevistados é que o Bloco deve continuar o que está fazendo e existe um sentimento de agradecimento ao que ele é. O reconhecimento do trabalho do Bloco é evidente e emerge do apreço pelo que ele proporcionou aos foliões: noção de liberdade, momentos de distração, brincadeira, acolhimento, entre outros. Porém, além de retornos positivos e incentivos, foi uma oportunidade para os foliões fazerem sugestões à direção do Bloco e, também, críticas. Em termos de sugestões, aparece a questão de se profissionalizar mais e expandir, fazendo referência ao carnaval de Recife e Salvador; tornar as negociações com órgãos públicos transparentes, para que os foliões saibam como elas se dão e possam cobrar mais apoio da prefeitura, com objetivo de, por exemplo, melhorar o lugar da saída em anos seguintes; e repensar como se dá o envolvimento político do Bloco.

A única crítica, além do local da saída de 2023 ter sido inadequado pela pouca proteção ao calor que fornecia, foi a questão supracitada do embranquecimento do Bloco. *“Falta gente preta. Acho um pouco feio falar certas coisas e quando a maioria das pessoas que aparece na tua foto de grupo não são pretas, sendo que o carnaval é preto”* (F13), pois, enquanto o Bloco possui cantores, brincantes e membros da banda que são pessoas racializadas, além de foliões, a expansão dele trouxe um público novo majoritariamente branco. Para aumentar a coerência da abordagem de temas como diversidade e racismo, seria interessante que pessoas pretas, pardas e indígenas ganhassem ainda mais protagonismo entre o público e membros do Bloco.

O Bloco da Laje é coletivo cujo impacto extrapola o limite do universo carnavalesco ou os grupos que o fundaram, e reverbera, assim como a batida de suas músicas, na cidade de Porto Alegre. Os foliões do Bloco, de forma geral, se referem a ele com muito carinho e até mesmo expectativa em cima do que ele faz, relatando que não é um simples carnaval de rua, mas um evento à parte que, mesmo quem não gosta de festa carnavalesca, pode se encantar. Considerando o problema de pesquisa - Como os foliões do Bloco da Laje percebem a imagem do Bloco ao longo de sua história e expansão? -, é possível concluir que a imagem do Bloco é, de forma geral, muito positiva. Há, claro, pessoas desgostam e que não compõem o grupo foliões do Bloco da Laje, e essas apresentariam uma visão, possivelmente, distinta. Porém, no recorte da pesquisa, é uma imagem boa e esperançosa desde a primeira interação com o coletivo, que se aprofunda nas particularidades do Bloco da Laje com o tempo de convivência do folião. A imagem positiva do Bloco independe do tempo que o folião o frequenta, sendo que, desde o primeiro momento, tende a causar um encantamento. É também uma imagem impactante, que existe para além do dia da saída ou ensaios, se mantendo presente e viva no imaginário dos foliões. No entanto, a imagem positiva está dentro do resultado esperado, uma vez que meu recorte de pesquisa incluiu somente pessoas que vão ao Bloco e, no geral, gostam do coletivo e existe uma homogeneização da amostra.

Com as técnicas de pesquisa aplicadas no campo - entrevista e observação participante -, foi possível responder todos os objetivos estabelecidos para esse trabalho. Em relação ao objetivo geral, compreender como as manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje impactam sua imagem para os foliões, foi constatado que o impacto delas é, de forma geral, positivo. Acima de tudo, as manifestações do Bloco da Laje explicitam seu posicionamento político e ideológico, o que possibilita que os foliões possam se identificar com o Bloco e, ali, se sentirem participantes e representados pelo coletivo, formando um grupo ligado pela identidade cultural (HALL, 1990,1997, apud WOODWARD, 2014). Além disso, o carnaval e qualquer ocupação artística da cidade é um ato político por si só (SILVA, J., 2021), então é fundamental, para os foliões, que o Bloco exponha seus valores e não se cale diante do que considera injusto.

O primeiro objetivo específico era o de mapear a imagem do Bloco. De acordo com a definição de Baldissera (2004, 2008) de imagem-conceito, a do Bloco da Laje é construída no imaginário do seu folião e é definida por alguns atributos-chave. A imagem-conceito do Bloco seria então a de um carnaval diverso, divertido e alegre, marcado por uma visualidade

impactante de milhares de pessoas vestindo, em roupas, adereços e maquiagens, as cores primárias. A imagem do Bloco da Laje é, tal qual definido nas teorias de imagem e identidade (BALDISSERA, 2004, 2007, 2008; HALL, 2015), muito dependente de seu contexto. Sem a participação ativa dos foliões e sua disposição ou vontade de interagir e participar da brincadeira e caracterização do Bloco, ele talvez não fosse apontado como diverso, divertido ou alegre, e as cores do coletivo só seriam representadas em seus membros mais ativos. Sem a cidade de Porto Alegre e os acontecimentos políticos da última década como palco da história do Bloco, e suas interlocuções junto aos governos e cidadãos, talvez não houvesse o sentimento de pertencimento percebido pelos foliões, ao não conseguir estabelecer os mesmos vínculos de representação social (WOODWARD, 2014).

Respondendo ao segundo objetivo específico, identificar como os foliões percebem as manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje, as principais formas identificadas foram nos posicionamentos do Bloco, em suas performances e nas músicas. Apesar da coleta de dados ter apontado que esses formatos podem ser vistos em redes sociais, entrevistas e em plataformas de música e vídeo, é muito presente, no imaginário do folião, o Bloco se manifestando nos seus discursos e apresentações ao vivo, em ensaios e saídas, em que as forças das palavras, colocações e ações são amplificadas pelo público espectador.

Com base na interpretação dos dados, se verifica que, enquanto a percepção geral em relação ao Bloco da Laje é positiva para todos os perfis de foliões analisados, existem, de fato, diferenças na imagem percebida do Bloco entre eles, respondendo ao terceiro objetivo específico deste trabalho (analisar se os foliões que acompanham o Bloco da Laje há diferentes períodos têm imagens distintas do Bloco). Para os foliões novatos, a imagem do Bloco da Laje reflete o feriado de carnaval de rua porto-alegrense, com os atributos de carnaval, diversão, samba, muito público e (o único termo específico ao Bloco da Laje) a visualidade das cores primárias. Os veteranos têm a imagem do Bloco definida por atributos compartilhados com novatos, como diversão e cores, mas também acrescida das causas sociais e políticas, diversidade e liberdade.

Nos perfis de veteranos e novatos, houve maior concordância interna nas respostas sobre os atributos do Bloco da Laje. Por outro lado, no perfil de iniciados, houve discrepância entre as respostas dos foliões, cujo resultado pode ser comparado a uma mistura entre as percepções indicadas pelos outros dois perfis. Sobre essa observação, atribuo ao fato de que os novatos ainda estão na fase de encantamento inicial com o novo, colorido e brilhoso da

festa, enquanto os veteranos já estão muito mais íntimos do que é o Bloco, o que ele fala e como funciona. No que se refere ao processo de aprendizado do Bloco, os iniciados ainda não conseguem apontar, com tanta clareza, as características específicas ao coletivo, mas já diferenciam o que sentem sobre o Bloco da Laje de outros blocos carnavalescos.

Com esse processo de formação da imagem do Bloco delineado em relação ao tempo que os foliões frequentam o Bloco, torna-se possível responder o quarto e último objetivo específico. Aparenta existir uma correlação entre o período de envolvimento dos foliões com o Bloco da Laje e como eles percebem as suas manifestações sociopolíticas e a imagem do coletivo. Os foliões que frequentam o Bloco há mais tempo percebem não só as manifestações do Bloco da Laje, mas sua intensidade, presença em diversos formatos e o impacto delas no público geral e em si próprios, inclusive colocando-as como aceleradoras nos seus processos de desenvolvimento de pensamento crítico e desconstrução pessoal. Também são os que parecem dar mais importância à existência delas e que estão mais atentos se o Bloco é coeso entre o que prega e o que faz, sendo o grupo que mais o cobra, por exemplo, em relação às mudanças relacionadas à expansão do coletivo. Assim como existe uma imagem distinta bem definida do Bloco para novatos e veteranos, processo semelhante ocorre em relação à percepção das manifestações. Os foliões iniciados, novamente, aparentam estar no meio termo entre os dois perfis em um processo de aprendizado; parte parece ainda fixa no período encantamento com Bloco e festa, sem entender o que é iniciativa do Bloco, dos foliões ou da cidade, e parte já com uma percepção mais aguçada às mensagens do Bloco.

Ao refletir sobre os achados e as respostas obtidas aos objetivos e problema de pesquisa, vejo que minha justificativa em nível pessoal para realização deste trabalho foi solucionada. O processo que eu vivi com o Bloco da Laje, da demora para perceber com clareza a mensagem política em toda ação do coletivo, não foi uma experiência exclusiva minha, mas sim uma que aparenta ser comum a todos novos foliões. Há indícios de que, particularmente em decorrência da polarização política no país, o Bloco está sendo mais explícito na forma que realiza suas manifestações, e isso pode acelerar o processo de aprendizado do que é o Bloco da Laje. A maneira como se dá o consumo de um produto cultural como o Bloco exige que o indivíduo que frequenta a vivência do carnaval se solte das amarras e se permita participar de forma ativa, o que acaba criando uma curva de aprendizagem e de identificação entre folião e Bloco. Com o tempo, isso irá fazer com que essas pessoas olhem com mais atenção para o que estão vivenciando e, assim, transformem

percepções de imagem sobre aquele produto cultural. Nesse sentido, são os atores interagentes com o Bloco que podem acelerar essa mudança da formação de imagem e identidade. Através das manifestações, são compartilhados valores, ideias e ideais do Bloco da Laje e de seus frequentadores.

Os resultados deste trabalho, no entanto, assim como a última música do Bloco da Laje, não são o final da festa. Como os Inimigos do Fim, não me contento em saber que acaba ao responder o que foi perguntado, mas uso a conclusão desta pesquisa como uma plataforma para lançar novas inquietações. No campo, identifiquei um desejo coletivo dos cidadãos de Porto Alegre de festejarem o carnaval de rua, somado à dificuldade de diálogo com o poder público para que isso aconteça. Qual a razão do impasse, uma vez que existe o interesse genuíno do público para que ela ocorra e que o carnaval de rua, oficial ou pirata, tem enorme potencial turístico e econômico para cidades (BELART, 2021; BARROS, 2021)? Por que não usar o desejo dos cidadãos como justificativa para desenvolver o setor de eventos e cultura da cidade, se, como consequência, ainda estimularia a economia, com geração de empregos, por exemplo?

Outra inquietação é em relação aos apontamentos sobre a diversidade do Bloco em contraste ao relato de embranquecimento do mesmo. Seria interessante entender como e porque ocorreu essa mudança no público para além da expansão, em conjunto de uma pesquisa sobre formas de garantir uma participação plural, diversa e múltipla da população não só no Bloco da Laje, mas em todos os eventos culturais. Que iniciativas existem para promover o acesso de públicos variados a eventos culturais na capital? Quais são as barreiras que impedem esses públicos de frequentarem eventos, em teoria, abertos e ditos como acolhedores? E a diversidade do Bloco se limita a questões como raça, idade e sexualidade, ou ela abrange, de fato, outras populações mais vulneráveis e minorias protegidas, como classes socioeconômicas mais baixas e pessoas com deficiência?

Concluo esta pesquisa com uma última inquietação, diretamente relacionada à área de Relações Públicas. O carnaval é parte da identidade brasileira, e o Bloco da Laje é um dos grandes representantes dele na capital gaúcha. Com um caminho que demonstra como a imagem do Bloco se cria no imaginário dos foliões, e que ele consegue criar uma conexão sentimental muito forte entre o público e evento, o *case* do Bloco pode ser posto como um modelo para fomentar o setor de eventos culturais no Brasil. Ter o Bloco da Laje como um exemplo para, então, criar estratégias de comunicação e relações públicas que estimulem a

participação e aproximação entre cidadãos e cultura. A cultura é enriquecedora à mente, promove relações, identificações e representações, então ela, assim como seu amplo acesso à população, precisam ser pautas constantes nas diferentes esferas nacionais, como a acadêmica e a política. Que venham os próximos ensaios.

Evoé.¹⁹

¹⁹ Grito festivo com que as bacantes evocavam Dioniso, deus grego do vinho e das festas, e saudação utilizada pelo Bloco da Laje.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. L. de C.; NUNES, D. A. **Mensagens corporativas e a construção de sentido sobre as organizações**. *Organicom*, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 258-279, 2007. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2007.138956. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138956>>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- AMARO, Pâmela. **Lá Vem Gente**. Bloco da Laje. Porto Alegre: 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qnbcUXR1pW4>> Acesso em: 21 mar. 2023.
- BALDISSERA, Rudimar. **Imagem-Conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação**. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- BALDISSERA, R. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. *Organicom*, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 228-243, 2007. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2007.138954. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138954>>. Acesso: em 12 mar. 2023.
- BALDISSERA, Rudimar. **Significação e comunicação na construção da imagem-conceito**. Revista *Fronteiras*. V. 10. N.3, 2008 – Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5397>>. Acesso em: 12 mar. 2023.
- BARROS, Sullivan Charles. **Carnaval e Cidade - usos e apropriações de espaços urbanos: Recife e Olinda em perspectiva**. 1 ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.
- BARROSO; Ary; MIRANDA, Carmem. Como “Vaes” Você?. *In: Carmem Miranda, Como “Vaes” Você?*. 1936. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wM9LMzGeYVs>>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- BARROSO, Paulo M. **Arte e sociedade: comunicação como processo**. In: *Actas do V Congresso Português de Sociologia*, Braga, 2004.
- BELART, Victor. **Cidade Pirata - Carnaval de rua, coletivos culturais e o Centro do Rio de Janeiro (2010-2020)**. Belo Horizonte: Letramento, 2021.
- BELL, Julian. **Uma nova história da arte**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- BLOCO DA LAJE. **Acorda vizinho**. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://blocodalaje.wordpress.com/2013/08/28/cortejo-colonia-africana/>>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- BLOCO DA LAJE. **Apoia.se: O Carnaval da Revanche, c2022**. Sobre. Disponível em: <<https://apoia.se/blocodalaje2023>>. Acesso em: 11 fev. 2023
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 11 mar. 2023.

CAETANO, Giuliana. **O BLOCO CHAVE DE OURO NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR: A trajetória de um rebelde folião!**. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n. 30, p. 45 - 53, 2015. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/3165>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

COLPO, C. D. **Contextos organizacionais: a cultura como constituintes de identidade e imaginário**. Revista FAMECOS, v. 21, n. 1, p. 251-267, 2 jun. 2014. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/13659>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro, ROCCO, 1997. *E-book*

DAUN E LORENA, C. Subsídios para a análise da festa: o carnaval visto pelas Ciências Sociais. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 51–67, 2019. DOI: 10.21814/rlec.2110. Disponível em: <<https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/2110>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOMENICO et.al, **Histórias para ninar gente grande**. Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: 2019.

DU GAY, Paul et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. London: Sage Publications, 2013.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-82.

FALCÃO, Camila; LÁZERI, Thiago. Recanto Africano. *In*: Bloco da Laje, **Quatro Estações**. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OG8tQOPOhUU>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

FERREIRA, Marcelo. “Ocupar as ruas com um bloco de carnaval é um ato político”. **Brasil de Fato**, Porto Alegre, 18 fev. 2023. Variedades. Disponível em: <<https://www.brasildefatores.com.br/2023/02/18/ocupar-as-ruas-com-um-bloco-de-carnaval-e-um-ato-politico>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

GALLI, Laura Spritzer. **Um longo caminho até o Porto Seco: lutas e disputas por espaço no Carnaval de Porto Alegre (1994-2004)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/211513>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

GASPAR, M. D. Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [S. l.], n. 14, p. 153-168, 2004. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2004.89664. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89664>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

GELAIN, Gabriela C. OUTRAS NARRATIVAS POSSÍVEIS DO ENTRE: (RE) EXISTÊNCIAS POÉTICAS E CORPOS DISSIDENTES NO CENTRO DE SÃO PAULO In: PEREIRA, Simone Luci; DAS NEVES, Thiago Tavares; BUDAG, Fernanda Elouise. (Org.). **Comunicação e Culturas Urbanas temas, debates e perspectivas**. 1 ed. São Paulo: INTERCOM, 2021, v. 1, p. 482-508

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

JUNIOR, Carlos Pernisa. **Narrativas Contemporâneas**: Comunicação e Arte em Tempo de Convergência. *Comunicologia*, Brasília, v.3, n.2, p. 1-13, 2010. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/1910>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

JÚNIOR, Wilson. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.280-304

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. *E-book*.

“História pra ninar gente grande” será o enredo da Mangueira em 2019. **Veja Rio**. Rio de Janeiro: 22 jun. 2018. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/historia-pra-ninar-gente-grande-sera-o-enredo-da-mangueira-em-2019/>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

LAMEGO, Alberto. **O Homem e a Guanabara**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira, 1964.

LÁZERI, Thiago. **Terremoto Clandestino**. Bloco da Laje. Porto Alegre: 2021. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mwCtJEU1fk>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MACHADO, Diego; OLIVEIRA, Lucas de. **Cordão da Idade Média**. Bloco da Laje. Porto Alegre: 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UthgPLYh4eU>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MACHADO, *et al.* Pregação. In: Bloco da Laje, **Quatro Estações**. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cMe0RZ10jHY>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MACHADO, Diego; PAVÃO, Ricardo. O Que Tu Tem Cidadão. In: Bloco da Laje, **Quatro Estações**. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wiCd_nnCTKU>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MACHADO, Diego; BARROS, Juliano; ALMAOE, Daniel; LEONARDO, Frodo. Deixa Brincar. In: Bloco da Laje, **Quatro Estações**. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BZKeErXLcK8>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MANSQUE, William. Foliões tomam conta de ruas de Porto Alegre para aproveitar os blocos de Carnaval. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 19 fev. 2023. Notícia. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/02/folioes-tomam-conta-de-ruas-d-e-porto-alegre-para-aproveitar-os-blocos-de-carnaval-clec6of2k0089017109y394wy.html>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MELLO, Roberta. **Bloco da Laje reúne 20 mil pessoas no Carnaval de rua de Porto Alegre**. Jornal do Comércio, [S.l.: s.n.], 26 janeiro 2020. Cultura. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cultura/2020/01/722528-bloco-da-laje-reune-20-mil-pessoas-no-cortejo-da-liberdade.html>. Acesso em: 12 mar. 2023.

Organização dos Estados Americanos, **Convenção Americana de Direitos Humanos** (“Pacto de San José de Costa Rica”), 1969.

RIBEIRO, Tayguara. Mangureira mostra enredo com forte conteúdo político e emocionante público. **Brasil de Fato**, São Paulo, 05 mar. 2019. Geral. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/03/05/mangureira-mostra-enredo-com-forte-conteudo-politico-e-emociona-publico/>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

RISKALLA, Vinícius. **Manipulação e resistência: o caso do Bloco da Laje no carnaval de rua de Porto Alegre**. 2016. Trabalho de conclusão (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182305>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SAMPAIO, Sérgio. Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua. *In*: Sérgio Sampaio, **Eu Quero é Botar Meu Bloco na Ruas**. Rio de Janeiro: 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsiAN_ii7E>. Acesso em: 22 mar. 2023.

SCHEIN, Edgar. **Cultura Organizacional e Liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.

SEVAIO, Joanna M. **Em fevereiro tem carnaval: blocos e sociabilidades de rua em Porto Alegre/RS**. Ponto Urbe, São Paulo, n. 27, 28 dez. 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/9837>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SILVA, Gabriela Marluce da. **“Elas por Elas”**: representações e identidades da mulher na 3ª saída do bloco não mexe comigo que eu não ando só, em porto alegre. 2019. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Públicas, Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/20035>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SILVA, Josiney C. A CIDADE, A COMUNICAÇÃO E AS CULTURAS URBANAS: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA SABERES TRANSDISCIPLINARES. *In*: PEREIRA, Simone Luci; DAS NEVES, Thiago Tavares; BUDAG, Fernanda Elouise. (Org.). **Comunicação e Culturas Urbanas temas, debates e perspectivas**. 1ed. São Paulo: INTERCOM, 2021, v. 1, p. 24-52.

SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.98-109

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Último dia do Carnaval de rua de Porto Alegre bate recorde de público. **Gaúcha ZH**, [S.l.: s.n.], 09 março 2020. Carnaval. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/03/ultimo-dia-do-carnaval-de-rua-de-porto-alegre-bate-recorde-de-publico-ck7kt5qv402qv01pqoffmqby5.html>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Letra de Cordão da Idade Média

Chegou o Cordão da Idade Média

Não pode fumar um, não pode dar o cu

Chegou o Cordão da Idade Média

Não pode escolher se vai ter o nenê

Chegou o Cordão da Idade Média

Você com Alcorão, ou a Bíblia na mão,

Você também tem cu, tem cu, tem cu, tem cu

Chegou o Cordão da Idade Média

Acabou a brincadeira. Vai tudo pra fogueira.

É é é cruel

Um candidato cristão

Com a conta bem roliça na Suíça

Pela família e pela nação.

MACHADO, Diego; OLIVEIRA, Lucas de. **Cordão da Idade Média**. Bloco da Laje. Porto Alegre: 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UthgPLYh4eU>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista

Oi, muito prazer, NOME! Sou a Dora e estou concluindo o curso de Relações Públicas na UFRGS. Essa entrevista tem finalidade acadêmica, para coleta de dados para uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. Muito obrigada por aceitar participar e disponibilizar tempo para conversar comigo! As informações coletadas vão ser utilizadas sem revelar sua identidade. Você está ciente disso e consente participar? Tenho seu consentimento para gravar essa conversa?

Posteriormente, vou te enviar um termo de consentimento, preciso depois da sua assinatura, por favor.

Bloco 1 - Identificação/perfil

Primeiramente, eu preciso te conhecer um pouco! Então vamos começar falando um pouco de ti.

- 1) Qual sua idade?
- 2) Qual a sua formação? [*curso, formação e local*]
- 3) Em termos de raça, como você se declara?
- 4) Você se considera uma pessoa politicamente engajada e ativa?
 - a) Pode me contar qual seu alinhamento político? [*esquerda, direita, centro, partido ou sem posicionamento específico*]

Bloco 2 - Participação no Bloco

A partir de agora, vamos começar a falar um pouco do Bloco da Laje. As próximas perguntas são para entender como você participa do Bloco.

- 5) Como conheceu o Bloco?
- 6) Que idade tinha quando foi na primeira saída do Bloco da Laje?
- 7) Quais saídas do Bloco da Laje participou?
 - a) **[Para Foliões Adolescentes e Veteranos]** Teve alguma que te marcou mais?
- 8) Você tem costume de participar dos ensaios abertos, shows ou outras apresentações?
- 9) Com quem costuma frequentar os ensaios e saídas?
 - a) Quem foi o responsável pela sua “iniciação” no Bloco?
 - b) Hoje em dia tu apresenta o Bloco para outros?

- 10) Você se organiza com antecedência para as saídas? Qual seu ritual/preparo para uma saída? [*customiza fantasias, frequenta os ensaios, participa do financiamento coletivo*]
- 11) Você acha que as saídas correspondem aos ensaios ou deixam a desejar?
- a) Seu grau de expectativa do ensaio *versus* da saída correspondem?

Bloco 3 - Percepção do Bloco - Foco do Folião Novato

Vamos conversar um pouquinho mais sobre quem é o Bloco da Laje agora.

- 12) Quando eu falo Bloco da Laje, qual a primeira palavra que vem em mente?
- 13) Quais são as coisas sobre o Bloco da Laje que te chamam mais atenção?
- 14) Como você apresentaria o Bloco da Laje para alguém que não o conheça?
- 15) De forma objetiva, se tivesse que definir o Bloco em três a cinco características/palavras/conceitos, quais você usaria?
- 16) Se você pudesse, como descreveria o perfil dos foliões do Bloco da Laje?

Bloco 4 - Interação do Bloco

O Bloco da Laje é um dos muitos blocos de carnaval da cidade, e queria entender um pouquinho como você percebe que ele interage com o meio que está inserido nestas próximas perguntas.

- 17) Queria que você comentasse como percebe essa interação do Bloco com ____
- a) Foliões;
- b) Seus membros (bateria, sopro, brincantes, banda, etc);
- c) Espaços que ocupa (cidade, Redenção, etc).
- 18) O que você entende que é de competência do Bloco e o que você entende que é de competência do poder municipal? [*limpeza da cidade, estruturas, bloqueios de ruas, segurança*]
- 19) Em que situações ou por quais lugares/plataformas/pessoas você se informa sobre os eventos e acontecimentos ligados ao Bloco da Laje?

Bloco 5 - Manifestações

O Bloco da Laje se destaca no número de foliões adeptos a ele, pelo repertório autoral e pelas quase “tradições” nas rotinas de apresentação deles, incluindo manifestações de cunho ideológico, então queria falar um pouco sobre isso.

- 20) Você percebe alguma tendência/predileção política pelos membros do Bloco? Qual seria?
- a) Você já viu manifestações de cunho político, social ou cultural pelo Bloco? De que forma? Poderia me dar exemplos?
 - b) Você percebe isso como positivo, negativo ou indiferente?
- 21) Você percebe alguma tendência/predileção política pelos foliões do Bloco em ensaio ou saídas? Qual seria?
- a) Você já viu manifestações de cunho político, social ou cultural pelos foliões do Bloco em ensaios ou saídas? De que forma? Poderia me dar exemplos?
 - b) Você percebe isso como positivo, negativo ou indiferente?
- 22) Você percebe o impacto da polarização política da última década nas ações do Bloco? Como?
- 23) **[Para Foliões Iniciados e Veteranos]** Você percebeu mudanças nessas manifestações do Bloco ao longo dos anos?
- a) Poderia me apontar temas delas do Bloco?
 - b) *Só vi em 2023 - Será que foi pelo período de politização? A lógica não foi mais evidenciada?*
- 24) Para falar um pouco em relação ao período da pandemia e pós-pandemia,
- a) **[Para Foliões Novatos]** Percebeu algum resquício de comportamento ou “sinal” da pandemia na saída do Bloco da Laje?
 - b) **[Para Foliões Iniciados e Veteranos]** Comparando com as outras saídas, você percebeu alguma mudança na saída deste ano em relação às anteriores?

Encerramento - Foco do Folião Veterano

Agora, para finalizar, queria propor um momento um pouco mais reflexivo da sua percepção do Bloco e da sua experiência com ele.

- 25) **[Para Foliões Iniciados e Veteranos]** Quando você conheceu o Bloco e começou a ir, você o descreveria da mesma maneira que agora?

26) Se você pudesse voltar no tempo antes de conhecer o Bloco e mandar uma mensagem para si, qual seria?

27) Se você pudesse dar um recado/mensagem ao Bloco da Laje, o que você diria?

APÊNDICE C - Letra de Pregação

Estão há mais de dois mil anos
Usando a palavra do Homem
Para oprimir, Colonizar, para tirar o nosso sangue
Porém o cara falou de respeito, de compaixão
De perdão

Nosso camarada
Que deu o rolezinho sobre as águas
Que multiplicou o peixe
E transformou a água em vinho
Jesus Christ

Saudações pessoas do planeta terra
Vamos nos amar. De todas as maneiras
Em plenitude e liberdade
Pois afinal só o amor destrói!
Destrói o preconceito, a violência!
O pensamento careta desta gente nefasta
Vivam o amor!
Mas infelizmente hoje eu não consigo
Descer daqui para brincar com o Bloco da laje

Por que Jesus?

Porque eu tô pregadão
Eu tô pregadão, eu tô pregadão
Eu tô pregadão

Eu tô pregadão, eu tô pregadão

Eu tô pregadão, eu tô pregadão

Vamos tirar, vamos tirar, vamos tirar Jesus da cruz [x2]

Jesus é negão [x8]

Vamos tirar, vamos tirar, vamos tirar Jesus da cruz [x2]

Jesus é mulher [x8]

Vamos tirar, vamos tirar, vamos tirar Jesus da cruz [x2]

Eu to pregadão, eu to pregadão [x4]

Vamos tirar, vamos tirar, vamos tirar Jesus da cruz [x2]

Vamos tirar, vamos tirar

Vamos tirar, vamos tirar

Vamos tirar Jesus

Vamos tirar, vamos tirar

Vamos tirar, vamos tirar

Vamos tirar Jesus da cruz

MACHADO, *et al.* Pregadão. *In*: Bloco da Laje, **Quatro Estações**. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cMe0RZ10jHY>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

APÊNDICE D - Letra de Cidadão Contemporâneo

Cidadão contemporâneo, não tá fácil pra ninguém [x2]

Imagina se tu fosse

O Saddam Hussein

Vivendo uma ditadura

Criada por você

Implora por um carinho

Espanta todo amor

O que tu tem já não basta

O que basta já se foi

Imagina se tu fosse um ditador, heim

E toda vez que tu falasse

Todo mundo ajoelhasse

E dissesse sempre amém

Mas com a corda no pescoço

Mas com a corda no pescoço

Mas com a corda no pescoço

Tu pediria ajuda pra quem?

Implora por um carinho

Espanta todo amor

O que tu tem já não basta

O que basta já se foi

Realmente não tá fácil pra ninguém

Mas tá mais fácil pra uns do que para outros

MACHADO, Diego; PAVÃO, Ricardo. O Que Tu Tem Cidadão. *In*: Bloco da Laje, **Quatro Estações**. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wiCd_nnCTKU>. Acesso em: 21 mar. 2023.

APÊNDICE E - Letra de Recanto Africano

Domingo de manhã

Eu vou para a redenção

Ensaiai para meu bloco sair mais um ano

O recanto europeu sempre foi africano

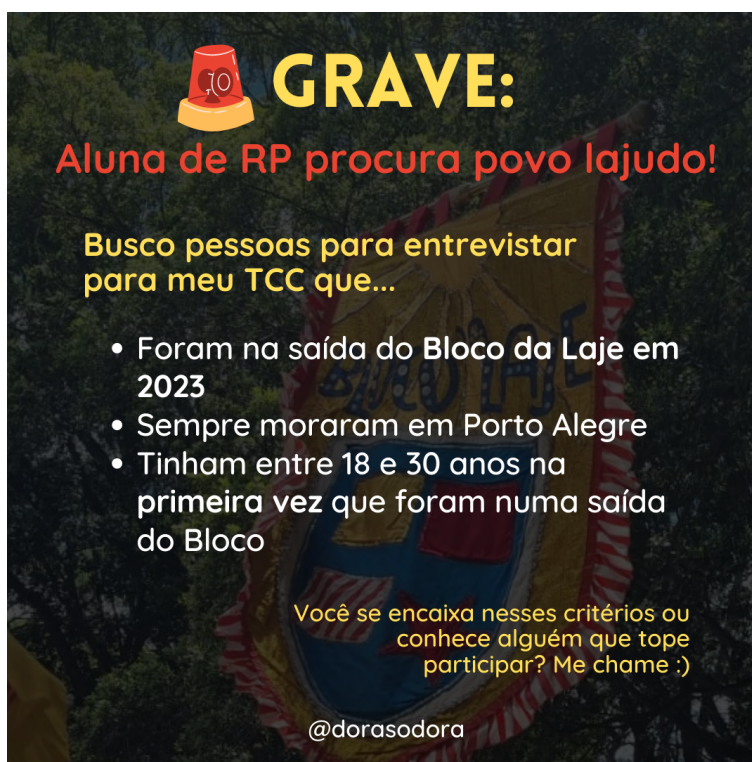
É purpurina, poeira e tinta cor


A gasolina, a kombi, o gerador

A bateria, correndo eu vou ver o meu amor

FALCÃO, Camila; LÁZERI, Thiago. Recanto Africano. *In*: Bloco da Laje, **Quatro Estações**. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OG8tQOPOhUU>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ANEXO A - Publicações no Twitter e Instagram de divulgação da pesquisa



 **GRAVE:**

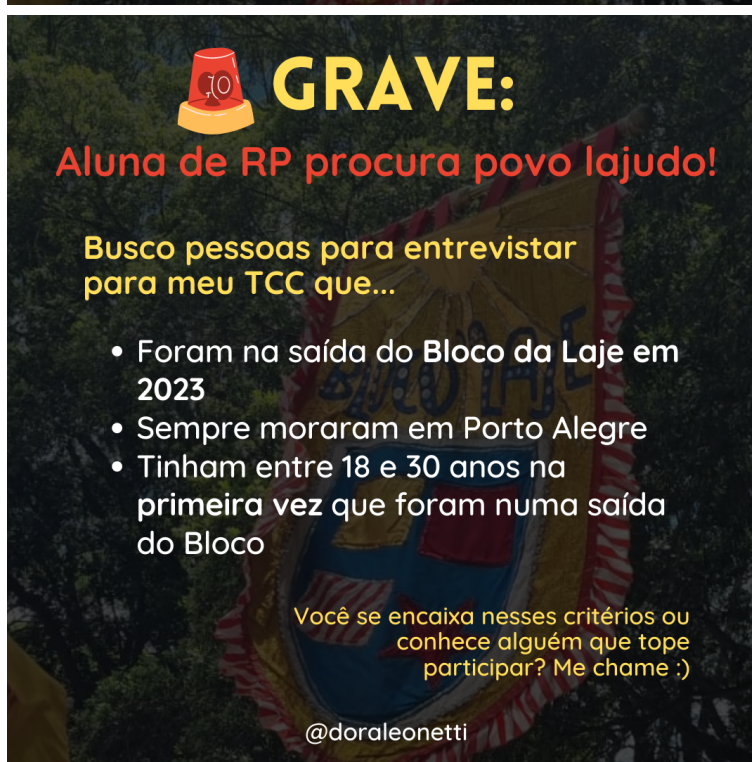
Aluna de RP procura povo lajudo!


Busco pessoas para entrevistar para meu TCC que...

- Foram na saída do Bloco da Laje em 2023
- Sempre moraram em Porto Alegre
- Tinham entre 18 e 30 anos na primeira vez que foram numa saída do Bloco

Você se encaixa nesses critérios ou conhece alguém que tope participar? Me chame :)

@dorasodora



 **GRAVE:**

Aluna de RP procura povo lajudo!

Busco pessoas para entrevistar para meu TCC que...

- Foram na saída do Bloco da Laje em 2023
- Sempre moraram em Porto Alegre
- Tinham entre 18 e 30 anos na primeira vez que foram numa saída do Bloco

Você se encaixa nesses critérios ou conhece alguém que tope participar? Me chame :)

@dorableonetti

ANEXO B - Termo de Consentimento de Entrevista**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES**

Nome completo do(a) entrevistado(a):

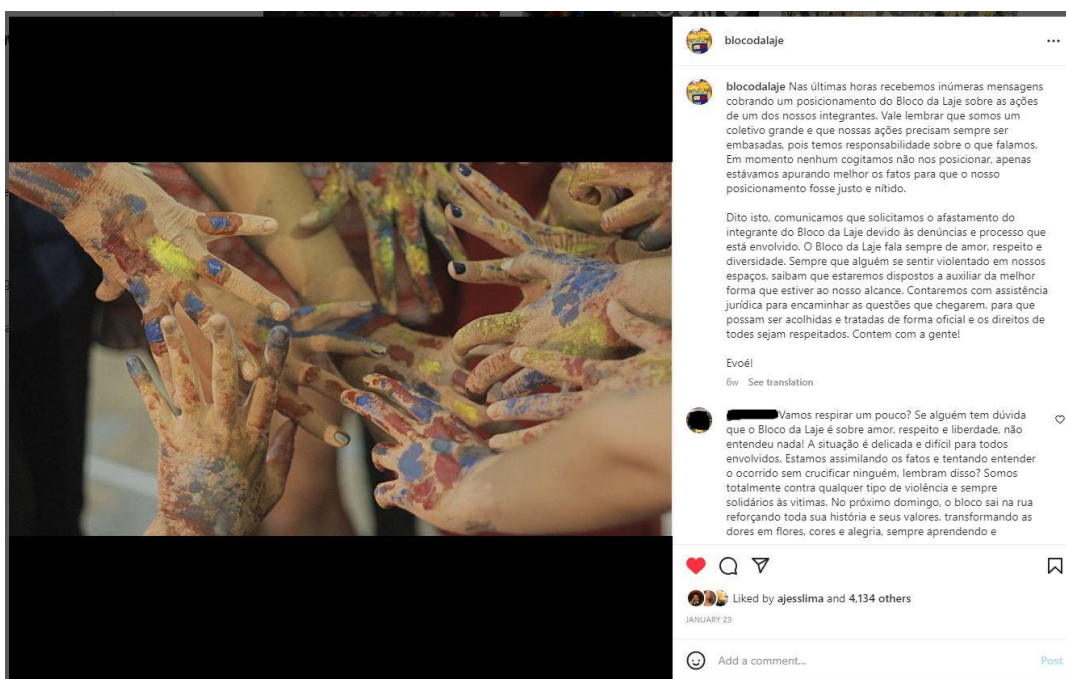
Documento de identidade:

Autorizo o(a) estudante Dora Almeida Leonetti, regularmente matriculado no Curso de Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia de Comunicação/UFRGS, sob o número 00274560, a utilizar as informações por mim prestadas na elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado A BRINCADEIRA É A NOSSA REVOLUÇÃO: O impacto das manifestações sociopolíticas do Bloco da Laje na sua imagem e elaborado sob a orientação do(a) Prof.(a) Dra. Denise Avancini Alves

Fui esclarecido(a) sobre a natureza do trabalho e que as informações coletadas serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos.

Porto Alegre, de de 2023.

Assinatura do entrevistado

ANEXO C - Publicação do Bloco da Laje no Instagram sobre caso de assédio

Fonte: Instagram do Bloco da Laje²⁰

²⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cnw7805sljD/>>. Acesso em: 12 mar. 2023.